



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

**A Globalização e o novo paradigma civilizacional:  
A perspetiva de Leonardo Boff**

**Ana Maria R. F. Ribeiro Mata**

Orientador: Professor Doutor Silvério Rocha e Cunha

**Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus**

Dissertação

Évora, janeiro 2016



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

**A Globalização e o novo paradigma civilizacional:  
A perspetiva de Leonardo Boff**

**Ana Maria R. F. Ribeiro Mata**

Orientador: Professor Doutor Silvério Rocha e Cunha

**Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus**

Dissertação

Évora, janeiro 2016

# ÍNDICE

Resumo .....	4
Abstract .....	5
Agradecimentos .....	6
I – Introdução.....	7
Capítulo I – Globalização, um tempo de incertezas .....	9
1. A globalização hegemónica .....	18
2. A globalização contra-hegemónica.....	29
Capítulo II - Leonardo Boff, teólogo e ambientalista.....	43
1. A globalização tiranossáurica.....	48
2. O paradigma ecológico de Leonardo Boff .....	53
Capítulo III - Hans Jonas e Hans Küng com/contra Leonardo Boff .....	59
1. O Princípio Responsabilidade de Hans Jonas .....	59
2. A Religião na base do ethos mundial de Hans Küng .....	72
Conclusão.....	85
Bibliografia.....	96

“... a utopia não deve ser entendida como sinónimo de ilusão e fuga da realidade presente; como os estudos recentes da filosofia e da teologia o têm revelado a utopia nasce do princípio-esperança, responsável pelos modelos de aperfeiçoamento de nossa realidade que não deixam o processo social se estagnar ou se absolutizar ideologicamente mas o mantêm em permanente abertura para uma transformação cada vez mais crescente”.<sup>1</sup>

Leonardo Boff

---

<sup>1</sup> Leonardo Boff, *Jesus Cristo libertador*, Editora Vozes, 1972, p. 58.

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como título “A Globalização e o novo paradigma civilizacional: a perspectiva de Leonardo Boff”. Com este estudo pretende analisar-se de que forma este fenómeno denominado globalização tem contribuído para as mudanças exponenciais que ocorrem no mundo atual, e que envolvem todas as esferas da vida económica, social, política, ambiental e cultural.

A importância de que se reveste este fenómeno e o impacto que tem tido nas últimas décadas obriga a sociedade, em geral, a procurar um novo paradigma civilizacional que seja conforme aos novos desafios entretanto surgidos.

A escolha do autor estudado para este trabalho recaiu no filósofo brasileiro Leonardo Boff, que propõe a criação de um ethos mundial que enfrente os problemas provocados pela globalização vigente. A sua proposta de ética da globalização está centrada principalmente na ética do cuidado, na defesa de todas as formas de vida, sobretudo a defesa da Mãe Terra (Gaia) e do seu ecossistema, e ainda a defesa dos mais pobres.

Dada a natureza teórica deste trabalho, a metodologia utilizada remete para a consulta e análise de fontes documentais, nomeadamente livros e artigos relevantes para o estudo desta temática.

Palavras-chave: Leonardo Boff, globalização, ética mundial

# GLOBALIZATION AND THE NEW CIVILIZATION

## PARADIGM: THE PROSPECT OF LEONARDO BOFF

### ABSTRACT

This dissertation is entitled "Globalization and the new civilization paradigm: the prospect of Leonardo Boff." With this study we aim to examine how this phenomenon, called globalization, has contributed to the exponential changes taking place in today's world, which involves all spheres of economic, social, political, environmental and cultural.

The importance of this phenomenon and its impact in recent decades forces society, in general, to challenge a new civilization paradigm that according to these new challenges arising.

Keywords: Leonardo Boff, Globalization, global ethic

## AGRADECIMENTOS

Ao meu marido Jorge, pelo apoio incondicional e pela motivação que me concedeu, sobretudo nos momentos menos positivos.

Ao meu filho Ricardo, pelo apoio e por dividir comigo a experiência feliz de frequentarmos a mesma universidade.

Ao Professor Doutor Silvério Rocha e Cunha, pela orientação científica desta dissertação, pelas críticas oportunas e sugestões valiosas que me transmitiu para conseguir terminar este trabalho.

## I - INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação subordinado ao tema “A Globalização e o novo paradigma civilizacional: a perspectiva de Leonardo Boff” resultou de um interesse especial pela temática da globalização e dilemas daí decorrentes. As questões que este fenómeno coloca a toda a humanidade neste momento tornam este estudo deveras importante, sobretudo no que se refere à problemática ambiental. As dúvidas que assolam o ser humano nesta área dizem respeito, sobretudo, à sobrevivência do planeta Terra e dos seres que nela habitam e vivem. E, por isso, interrogamo-nos se os homens conseguirão chegar a um entendimento para encontrar soluções para os problemas ambientais que nos assolam; se a sede de poder e o dinheiro falarão mais alto, ou se haverá algum mecanismo que torne a humanidade mais fraterna. Ou, ainda, como poderemos convencer a população mundial e os detentores do poder a trabalharem em conjunto para salvar o planeta e o futuro da espécie humana.

Para tentar dar resposta a estas perguntas tão pertinentes escolhemos o filósofo Leonardo Boff, que além de ter uma visão holística do problema, defende também uma ética da mundialidade que pressupõe uma bondade inerente ao ser humano.

O presente trabalho está organizado em três capítulos:



- No primeiro capítulo é feita uma contextualização histórica do aparecimento do processo de globalização, a sua evolução e as consequências para a sociedade mundial. Em seguida é apresentada, recorrendo ao contributo de dois autores que têm um discurso muito díspar sobre este fenómeno: Boaventura Sousa Santos e Anthony Giddens, uma contextualização do atual processo de globalização. O objetivo é identificar visões diferentes para uma mesma realidade, o que nos mostra quão difícil é encontrar uma definição clara e consensual sobre a globalização.

- No segundo capítulo são analisadas as teses de Leonardo Boff acerca do tema central desta dissertação – a necessidade de um novo paradigma civilizacional na era da globalização.

- Por fim, no terceiro capítulo é feita uma contextualização do pensamento de dois autores: Hans Jonas e Hans Küng que também elaboraram éticas para um mundo globalizado, mas têm pontos de vista diferentes da ética proposta por Leonardo Boff.

# CAPÍTULO I - GLOBALIZAÇÃO, UM TEMPO DE INCERTEZAS

A palavra globalização tem recebido inúmeras definições, algumas mais abrangentes que outras, mas o discurso dominante faz sobressair a crescente transnacionalização das relações económicas, sociais, políticas e culturais que ocorrem no mundo, sobretudo nas últimas décadas. É por isso comum que apareça uma multiplicidade de conceitos e de pontos de vista contraditórios envolvendo este tema, que com frequência está associado a processos económicos, como a circulação de capitais, a ampliação dos mercados ou a integração produtiva a uma escala mundial. Mas também descreve fenómenos da esfera social, como a criação e expansão de instituições supranacionais, a universalização de padrões culturais, e o equacionamento de questões relativas a todo o planeta, nomeadamente o meio ambiente, o desarmamento nuclear, o crescimento populacional, os direitos humanos.

A diversidade de opiniões é contributo de variadíssimos autores que se debruçaram sobre este tema, cada um contribuindo com a sua perspetiva, mas todos defendendo a ideia de que a globalização é um fenómeno que está a reestruturar as nossas formas de viver. Os vários discursos sobre a globalização surgidos nas últimas décadas refletem a complexidade dos fenómenos que ela envolve, e a disparidade dos interesses que neles se confrontam.

No entanto, podemos encontrar pontos comuns em várias teorias, nomeadamente no que diz respeito às consequências da queda do muro de Berlim, em 1989, e do desmantelamento da União Soviética e do antigo bloco de Leste a partir de 1990. O processo de globalização que estava então em curso sofre uma aceleração sem precedentes com a integração das antigas economias socialistas num único sistema mundial, a que se veio juntar a China, aquando da sua abertura. Todos estes fatos contribuíram para enfraquecer as fronteiras e suprimir a única alternativa existente à economia de mercado.

Antes destes acontecimentos terem ocorrido, mais precisamente em 1973, teve lugar o 1º choque petrolífero, seguido de um segundo. Estes dois acontecimentos colocaram à disposição dos países produtores de petróleo quantias enormes de ‘petrodólares’, utilizados em parte para adquirir equipamentos e bens de consumo e, em parte, para reinvestimentos nos países industrializados. A tão falada intensificação dos fluxos financeiros à escala mundial deve muito a este episódio

Estes choques petrolíferos colocaram o mundo em crise, e no final dos anos 70 os economistas ocidentais chegaram à conclusão que as políticas económicas tinham de mudar para fazer face a esta perturbação. Muitos pensaram que a mundialização dos mercados era a solução e, para isso, era necessário introduzir no sistema a concorrência dos produtores à escala planetária, a

especialização de cada um em função das vantagens comparadas, a liberalização das trocas e o afastamento dos Estados.<sup>2</sup>

Estas propostas foram mais tarde levadas em linha de conta, e em meados da década de oitenta, em Washington, estas diretrizes foram ratificadas pelos Estados centrais do sistema mundial. O denominado "consenso neoliberal" ou "Consenso de Washington" foi subscrito, e ficou nesse momento traçado o futuro da economia mundial, as políticas de desenvolvimento e, mais especificamente, o papel do Estado na economia.<sup>3</sup>

Muitas foram as mudanças aprovadas e que alteraram completamente o papel do Estado na economia. Boaventura Sousa Santos aponta, entre outras especificações, a necessidade da abertura das economias nacionais ao mercado mundial, o que implicou que os preços domésticos tivessem que se adequar aos preços internacionais. Os Estados passaram a dar prioridade à economia de exportação; as políticas monetárias e fiscais passaram a ser orientadas para a redução da inflação e da dívida pública e para a vigilância sobre a balança de pagamentos; os direitos de propriedade privada passaram a ser claros e invioláveis.

A cartilha do consenso neoliberal defendia ainda que o sector empresarial do Estado, de capital importância para o funcionamento da economia, devia ser

---

<sup>2</sup> Jean-Pierre Warnier, *A mundialização da cultura*, Editorial Notícias, Lisboa, 2002, p. 42.

<sup>3</sup> Boaventura de Sousa Santos, *Globalização – fatalidade ou utopia?* Edições Afrontamento, 2001, p. 33.

privatizado, e a tomada de decisão privada devia estar apoiada por preços estáveis e ditar os padrões nacionais de especialização, a mobilidade dos recursos, dos investimentos e dos lucros. A regulação estatal da economia devia, portanto, ser mínima; devia reduzir-se o peso das políticas sociais no orçamento do Estado, diminuindo o montante das transferências sociais, eliminando assim a sua universalidade, e transformando-as em meras medidas compensatórias em relação aos estratos sociais inequivocamente vulnerabilizados pela atuação do mercado.<sup>4</sup>

Este tipo de economia mundial preconizada pelo consenso de Washington é hoje visível na globalização da produção que é levada a cabo pelas empresas multinacionais, gradualmente convertidas em atores centrais da nova economia mundial. Segundo Boaventura Sousa Santos esta economia é dominada pelo sistema financeiro e pelo investimento à escala global, e também por processos de produção flexíveis e multilocais, a que acrescem os baixos custos de transporte, a revolução nas tecnologias de informação e de comunicação, a desregulação das economias nacionais e a proeminência das agências financeiras multilaterais.<sup>5</sup>

Como se depreende por esta análise, o desenvolvimento capitalista mundial tem sido possível graças à vertiginosa revolução científico-tecnológica, e também graças à criação de um sistema de produção mundial integrando um

---

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 35.

grande número de países e caracterizado pela produção de partes, componentes e serviços à escala mundial, num aumento de produtos globais que, curiosamente, não são produzidos integralmente em nenhum país em particular. Este desenvolvimento do capitalismo a nível planetário é também fruto da integração das economias nacionais na nova dinâmica do mercado global, feita através da abertura comercial, com a queda das barreiras alfandegárias, a formação de grandes blocos económicos regionais, e a diminuição da capacidade dos Estados nacionais de exercer controlo rígido sobre todos os processos económicos e políticos internos.<sup>6</sup>

Podemos acrescentar ainda a estes fatores o papel das principais corporações mundiais, que procuram sobretudo a maximização da rentabilidade e a acumulação de capital, e exercem pressão sobre os governos para facilitar a integração e ampliar a transnacionalização da economia mundial.

O poder que hoje é detido pelas empresas transnacionais é enorme e tentacular. Estas empresas caracterizam-se por serem propriedade de acionistas de todo o mundo e, por isso, o capital não se identifica com nenhum Estado nacional, não tem domicílio fixo. Além disso, a valorização mundial do capital implica que o tempo de trabalho socialmente necessário, que regula o valor das mercadorias, se estabeleça a nível mundial e não a nível nacional. No campo

---

<sup>6</sup> Reinaldo Dias, *Relações Internacionais: Introdução ao estudo da sociedade internacional global*, São Paulo, Editora Atlas S.A., 2010, p. 186.

administrativo a tomada de decisões passa a ter como base a realidade mundial e não a nacional, quer no que diz respeito ao processo produtivo, quer à localização ideal, ignorando os interesses nacionais dos países onde se instalam. Por todas estas razões os Estados-nação encontram cada vez mais dificuldade em controlar as atividades das empresas transnacionais, e os países estão a ficar cada vez mais dependentes das decisões tomadas por essas corporações internacionais.<sup>7</sup>

Para Zygmunt Bauman, os mercados financeiros globais “impõem as suas leis e preceitos ao planeta. A 'globalização' nada mais é que a extensão totalitária da sua lógica a todos os aspetos da vida.” Os Estados não têm recursos suficientes nem liberdade de manobra para suportar a pressão - pela simples razão de que “alguns minutos bastam para que empresas e até Estados entrem em colapso”.<sup>8</sup>

A única tarefa económica permitida agora ao Estado, e que se espera que ele assuma, é a de garantir um “orçamento equilibrado”, policiando e controlando as pressões locais por intervenções estatais mais vigorosas na direção dos negócios, e em defesa da população face às consequências da anarquia de mercado. No mundo das finanças globais os governos detêm pouco mais que o papel de distritos policiais superdimensionados, pois para conquistar a

---

<sup>7</sup> Ibidem, p. 188.

<sup>8</sup> Zygmunt, Bauman, *Globalização – as consequências humanas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999, p. 62.

“confiança dos investidores”, para atrair o capital nómada a investir no país, o Estado tem que garantir um clima de segurança propício e demonstrar que tem o controlo para policiar a lei e a ordem.<sup>9</sup>

Por tudo isto o Estado-nação enfrenta hoje um declínio crescente, a sua soberania e independência estão ameaçadas pelo poder das corporações transnacionais e pelas organizações multilaterais como a OMC (organização mundial do comércio), o FMI (fundo monetário internacional) e o Banco Mundial, e ainda pelas agências internacionais de rating que fazem a cotação financeira dos vários países. Bauman constata que, apesar de todo este cenário, os novos senhores do mundo não têm necessidade de governar diretamente. Os governos nacionais são encarregados da tarefa de administrar os negócios em nome deles.

Na perspetiva de Reinaldo Dias a globalização económica existe dentro de um contexto de coexistência com economias nacionais fortalecidas, com o Estado-nação a manter-se como um importante agente impulsionador de políticas e, ao mesmo tempo, conservando liberdade de ação suficiente para influir no desenvolvimento e na inserção internacional dos países, e

---

<sup>9</sup> Ibidem, p. 112.



consequentemente, desempenhando um papel fundamental nos processos de integração regional.<sup>10</sup>

O autor reconhece, no entanto, que as empresas transnacionais têm-se imposto como novos agentes determinantes do cenário internacional, porque possuem as tecnologias mais dinâmicas, sistemas internacionais de produção cada vez mais integrados, e operam em diversos mercados de forma simultânea.

Para Reinaldo Dias a globalização deve ser entendida como obra humana e resultado de vários processos políticos e económicos, tornando-se cada vez mais uma forma de organização e condução da sociedade humana.

A visibilidade que a vertente económica tem tido nas variadas acções de globalização não esgota as outras vertentes que a definem. Existem outras perspectivas diferentes sobre o conceito globalização, como é caso de autores como Leonardo Boff, que recua no tempo para explicar que a globalização se iniciou com a colonização e foi imposta pelo ocidente ao resto do mundo no século XV, quando as potências europeias se expandiram para outros continentes, ampliando o seu domínio e forçando os povos indígenas a absorver a cultura e os valores ocidentais.

---

<sup>10</sup> Reinaldo Dias, *Relações Internacionais: Introdução ao estudo da sociedade internacional global*, São Paulo, Editora Atlas S.A., 2010, p. 185.

Anthony Giddens e Boaventura Sousa Santos são outros dois autores de referência, importantes expoentes da corrente hegemónica e da corrente contra-hegemónica da globalização. O primeiro aborda a globalização sob a ótica social e cultural, em que os acontecimentos locais são cada vez mais influenciados por eventos que ocorrem a muitos quilómetros de distância. A globalização é para ele um fenómeno típico da modernidade, produto da evolução social e não fruto de algo totalmente novo.

Num sentido oposto situa-se Boaventura Sousa Santos, para quem a globalização resulta de um conjunto de decisões políticas dos Estados centrais decorrentes do Consenso de Washington. O autor faz uma leitura paradigmática do fenómeno, vê a globalização como altamente destrutiva de equilíbrios e identidades insubstituíveis, mas também como a inauguração de uma nova era de solidariedade global ou até mesmo cósmica.

## 1. A GLOBALIZAÇÃO HEGEMÓNICA

Sendo Anthony Giddens considerado um digno representante da corrente hegemónica da globalização, não surpreende que o autor considere que apesar das previsões sombrias que se apresentam atualmente para boa parte do mundo, a globalização ofereça benefícios, incluindo vantagens para os países mais pobres. A globalização é a saída possível para este período difícil que o mundo atravessa, mas isso não significa que a vida tenha melhorado inequivocamente em toda a parte, pois a globalização ampliou possibilidades e desigualdades reconhece, mas

---

*“A globalização, tal como estamos a vivê-la, a muitos respetos não é apenas uma coisa nova, é também algo de revolucionário.”<sup>11</sup>*

---

Ela está a mudar tudo; os países não ocidentais adaptaram a sua economia à dinâmica do mercado global, mas também acabaram por influenciar culturalmente os países do Ocidente. A essa contra influência Giddens denomina ‘colonização ao contrário’.

---

<sup>11</sup> Anthony Giddens, *O mundo na era da globalização*, Editorial Presença, 2000, p.22.

A globalização é, por isso,

---

*“uma revolução global na vida corrente, cujas consequências se estão a fazer sentir em todo o mundo, em todos os domínios, do local de trabalho à política”<sup>12</sup>*

---

portanto, é necessário fazer-se uma nova leitura do mundo a partir da consolidação deste processo, acrescenta.

Para Giddens a globalização tem progredido graças aos avanços na informação e nas tecnologias de comunicação que intensificaram a velocidade e o alcance da interação entre as pessoas de todo o mundo, e encorajou-as a adotarem uma perspetiva global.

A leitura positiva que faz do processo de globalização leva-o a considerar como pessimistas os autores que analisam negativamente este fenómeno, pois vêem nele apenas uma forma de destruição das culturas locais, o aumento das desigualdades do mundo e do número de empobrecidos, a criação de um mundo de vencedores e vencidos, minorias que enriquecem rapidamente e maiorias condenadas a uma vida de miséria e desespero, e onde os países do Sul têm um papel discreto ou não têm papel nenhum.

Esta é precisamente a leitura que Boaventura Sousa Santos faz da globalização.

---

<sup>12</sup> Ibidem, p.24.

Mas para Giddens,

---

*“a globalização é um fenómeno cada vez mais descentralizado, que não está sob controlo de nenhum grupo de nações e ainda menos sob o domínio das grandes companhias. Os seus efeitos fazem-se sentir tanto no Ocidente como em qualquer outra parte.”<sup>13</sup>*

---

Santos, pelo contrário, refere que atualmente se verificam acentuados desequilíbrios na distribuição do rendimento, nomeadamente a segurança da relação social que foi convertida em rigidez da relação salarial, porque a prioridade dada aos mercados financeiros bloqueou a distribuição de rendimentos e exigiu a redução das despesas públicas em material social. Como o trabalho foi transformado num recurso global, fez-se de modo a coexistir com a diferenciação de salários e de preços, e o aumento da mobilidade do capital fez com que a fiscalidade incidisse sobre rendimentos imóveis, sobretudo os do trabalho. Estes fatos fizeram acentuar as desigualdades sociais e a pauperização dos grupos sociais vulneráveis, que são considerados efeitos inevitáveis da prosperidade da economia.

O movimento antiglobalização afirma que o abismo entre ricos e pobres no mundo está a aumentar e que a responsabilidade é da globalização, mas Giddens contesta estas afirmações. Começa por duvidar da primeira ideia e considera falsa a segunda, porque em matéria de desigualdade mundial não

---

<sup>13</sup> Ibidem, p.27.

existem tendências simples, defende. Dá o exemplo da China que nas últimas décadas aumentou substancialmente o seu PIB, tornando-se numa grande potência económica. Os índices médios de crescimento que a China apresenta foram obtidos graças à participação na economia mundial e não à sua rejeição. As sociedades que procuraram isolar-se das influências globalizadoras, como é o caso da Coreia do Norte, estão entre as mais miseráveis e mais autoritárias do mundo.

Na opinião de Anthony Giddens o continente africano apresenta outro tipo de situação - alguns países estão hoje mais pobres, em termos absolutos, do que eram há 30 anos atrás. Mas essa situação anómala não se deve à globalização. Os problemas da África, defende Giddens, estão mais relacionados com o facto de a globalização ter 'esquecido' boa parte do continente, por isso só uma inclusão cada vez maior dos países africanos nos processos de globalização os pode resolver.

O autor reconhece que

---

*“a globalização não é um incidente passageiro nas nossas vidas. É uma mudança das próprias circunstâncias em que vivemos. É a nossa maneira de viver atual”<sup>14</sup>.*

---

E esse fenómeno aconteceu depois da queda do Muro de Berlim e o consequente colapso do comunismo no final do século XX. A partir desse

---

<sup>14</sup> Ibidem, p.29.

momento o capitalismo consolidou-se em todo o mundo e a globalização deixou de ter entraves na sua expansão. As fronteiras geográficas perderam então importância assim como o tempo e as distâncias; as economias, mercados e sociedades tornaram-se de tal forma interligadas que os acontecimentos de um país passaram a ter um impacto direto nos outros. E tudo isso tem sido possível graças aos avanços nas tecnologias de informação e comunicação,

---

*“A globalização é política, tecnológica e cultural, além de económica. Acima de tudo, tem sido influenciada pelo progresso nos sistemas de comunicação, registado a partir do final da década de 1960”.*<sup>15</sup>

---

É por isso compreensível que este fenómeno apresente desafios nunca antes vividos. Para Giddens, mudanças estruturais profundas estão a provocar transformações macropolíticas e macrossociais, e a condicionar a experiência humana em todo o mundo. Essas macro transformações são resultado da ação conjugada dos processos de globalização, da informatização das redes sociais e organizacionais, e da crise do sujeito e do Estado-Nação.

O desafio com que o mundo se depara hoje, segundo o autor, agrega muitos fenómenos: mercados globais, pobreza contínua e exclusão social, aumento da criminalidade, colapso da família, mudanças no papel da mulher, uma revolução na tecnologia e no mundo do trabalho, hostilidade popular à política, exigências de reformas democráticas mais profundas, e uma série de questões

---

<sup>15</sup> Ibidem, p.22.

ambientais e de segurança que requerem ações internacionais. Mas as estruturas e modelos políticos existentes revelam-se pouco preparados para gerir um mundo cheio de riscos, desigualdades e desafios que transcendem fronteiras nacionais. Por isso, torna-se fundamental uma nova forma de governo global capaz de promover uma nova ordem mundial que estabeleça padrões de comportamento internacional, como no caso do aquecimento global ou na defesa dos direitos humanos.<sup>16</sup>

Apesar de promover mudanças e transformações na sociedade, a globalização indiferente a fronteiras nacionais é desagregadora e não tem a capacidade de criar uma sociedade global harmoniosa. Anthony Giddens tem essa certeza, e apesar de ver como inevitável o processo de globalização económica, defende formas de organização não governamentais para equilibrar a balança social. O antídoto proposto para os problemas originados pela globalização é uma “democratização da democracia”<sup>17</sup>, um aprofundamento da democracia bem como a sua transnacionalização.

O aprofundamento da democracia é necessário defende Giddens, porque as velhas fórmulas políticas já não funcionam, uma vez que hoje o mundo tem acesso às mesmas informações que aqueles que detêm o poder. Apenas a democratização da democracia pode mediar o conflito entre os interesses

---

<sup>16</sup> Anthony Giddens, *Sociologia*, in <https://pt.scribd.com/doc/102714723/GIDDENS-Anthony-Sociologia>.

<sup>17</sup> Anthony Giddens, *O mundo na era da globalização*, Editorial Presença, 2000, 75.



económicos e políticos, por isso é fundamental uma nova proposta política para as sociedades atuais. O autor propõe então a teorizada “Terceira Via”, onde elabora uma resposta ao impasse entre a social-democracia tradicional (o Estado do bem-estar social) e o neoliberalismo (ou o Estado mínimo e aberto às trocas externas), com a ampliação do papel desempenhado pela sociedade civil.

Esta proposta política tenta reconciliar a direita com a esquerda, através de uma política económica conservadora e de uma política social progressista. Como sabemos, na social-democracia a economia é mista, o Estado é cooperativista, domina a sociedade civil e o seu papel na assistência social é extremamente forte. Pelo contrário, no neoliberalismo o mercado é soberano e o papel do Estado é mínimo. A Terceira Via pretende juntar o melhor dos dois modelos - criar uma nova economia mista e um novo Estado democrático e enfrentar alguns dilemas postos pela contemporaneidade.<sup>18</sup>

O autor defende que a Terceira Via representa a renovação da social-democracia, num mundo em que as ideias da velha esquerda se tornaram obsoletas e as da nova direita são inadequadas e contraditórias. Para ele está a emergir um novo programa social-democrata integrado, robusto e de amplo alcance, um programa capaz de reacender o idealismo político.

Nesta nova configuração que a política contemporânea toma a sociedade civil organizada assume papel significativo no espaço político. Para Anthony

---

<sup>18</sup> *Terceira Via*, in [www.portalconscienciapolitica.com.br/economia-politica/terceira-via](http://www.portalconscienciapolitica.com.br/economia-politica/terceira-via)

Giddens a sociedade civil deve participar e colaborar com as políticas de Estado, nomeadamente os grupos de voluntários, as famílias e as associações cívicas que podem desempenhar papéis vitais para lidar com questões relacionadas com a comunidade, desde o crime até à educação.<sup>19</sup> Portanto, entre as características de uma Terceira Via que enfrente com sucesso o individualismo do mundo globalizado está a participação ativa e constante dos cidadãos, articulando com o Estado uma política de justiça social que dê respostas às novas questões que escapam à divisão entre esquerda e direita.

A Terceira Via propõe a diminuição dos custos do Estado mas sem prejuízo do setor social, e isso só pode ser conseguido através de organizações não governamentais, políticas público-privadas e redes de agentes temporários. A política do bem-estar social deve corrigir os excessos e efeitos perversos do Estado Providência, o Estado deve, pois, fazer parcerias com órgãos da sociedade desobrigando-se assim das funções sociais, nomeadamente as relativas ao emprego, saúde, educação. Esta privatização dos direitos sociais transformados em serviços sociais regidos pela lógica do mercado, pressupõe que o Estado seja o menor possível. É a tese do Estado mínimo ligada a uma visão peculiar da sociedade civil, como um mecanismo auto gerador de solidariedade social.

---

<sup>19</sup> Anthony Giddens, *Sociologia*, in <https://pt.scribd.com/doc/102714723/GIDDENS-Anthony-Sociologia>

Com efeito, nas últimas décadas observou-se um crescimento exponencial dessas organizações da sociedade civil e de ONG's, muitas delas apostadas em oferecer algum alívio a populações desamparadas, em consequência da progressiva extinção das redes de segurança outrora proporcionadas pelo Estado-Providência. Consideram-se a si próprias como organizações de solidariedade vocacionadas para satisfazer as necessidades humanas das vítimas da reestruturação económica, da espoliação, da discriminação, da degradação ambiental, da guerra, das violações maciças dos direitos humanos...

O ideário da Terceira Via criado por Anthony Giddens propõe que o investimento em capital humano deva ser sustentado pela ação conjunta do Estado, da família e das comunidades. O curioso é que o principal instrumento desta intervenção colaborativa é a parte 'mais dinâmica' da sociedade civil, que passa a ter como função a promoção da igualdade de oportunidades, substituindo os antigos mecanismos do Estado Providência. Mas, por outro lado, o Estado tem a obrigação de fornecer bens públicos que os mercados não podem suprir ou só o podem fazer de maneira fragmentada.<sup>20</sup>

Giddens elaborou esta teoria política e teve a satisfação de ver as suas ideias serem publicamente reconhecidas, quando foram defendidas e aplicadas pelo primeiro ministro inglês Tony Blair, de quem era assessor, e pelo presidente americano Bill Clinton. Mas as propostas da Terceira Via não obtiveram os

---

<sup>20</sup> *A Terceira Via: alternativa ou continuismo?* in <http://br.monografias.com/terceira-via-alternativa.shtml>

resultados esperados. Em vez de reacender o idealismo político como defendia o autor, a política da Terceira Via provocou um agravamento das condições de vida, sobretudo dos trabalhadores e dos mais carenciados. A aposta que fez no papel que a sociedade civil podia desempenhar numa política de justiça social também se revelou incorreta e, como tal, o fosso entre ricos e pobres aumentou consideravelmente. Verificou-se, com todas as consequências negativas decorrentes, uma ampla flexibilização do mercado de trabalho, a ausência de regulamentação da força de trabalho e um boicote sistemático à atuação dos sindicatos. A tão apregoada flexibilidade do trabalho acabou por traçar um “destino duro, cruel, inexpugnável: os empregos surgem e somem assim que aparecem, são fragmentados e eliminados sem aviso prévio, como as mudanças nas regras do jogo de contratação e demissão.”<sup>21</sup>

Estes factos comprovam que quanto mais liberdade de ação têm as forças de mercado, maior a concentração de capital nas mãos de poucos e maior a necessidade de um agente que redistribua os recursos, para impedir o caos social e garantir a continuidade do processo de acumulação global.

---

*“O capital globalizado continua a depender do Estado para a realização de políticas sociais, pois este continua a cumprir o papel de reafectar recursos desigualmente distribuídos pelas leis de mercado, já que não existe no cenário atual nenhum agente*

---

<sup>21</sup> Zygmunt Bauman, *Globalização – as consequências humanas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999, p. 98.

*com poder e legitimidade para cumprir estas funções tradicionais do aparato estatal.”<sup>22</sup>*

---

A crença de que a sociedade civil podia substituir o Estado Providência revela um Anthony Giddens otimista em relação à espécie humana.

---

<sup>22</sup> Reinaldo Dias, *Relações Internacionais: Introdução ao estudo da sociedade internacional global*, São Paulo, Editora Atlas S.A., 2010, p. 190.

## 2. A GLOBALIZAÇÃO CONTRA-HEGEMÓNICA

Num sentido oposto à corrente hegemónica da globalização está Boaventura Sousa Santos, que acredita que a globalização foi e continua a ser dirigida pelo Ocidente e está profundamente marcada pelo poderio político e económico dos EUA. Os valores, os artefactos culturais e os universos simbólicos que se globalizam são ocidentais e, por vezes, especificamente norte-americanos, sejam eles o individualismo, a democracia política, a racionalidade económica, o utilitarismo, o primado do direito, o cinema, a publicidade, a televisão, a internet...<sup>23</sup>

Esta globalização tem sido profundamente influenciada pelo progresso nos sistemas de comunicação, e foi graças à evolução dos novos meios de comunicação cada vez mais rápidos e eficazes, que vivemos hoje numa época de informação global em que as inovações se propagam rapidamente, assim como o acesso à informação e a todo o tipo de bens. Santos define este momento como 'tempo eletrónico', pois é ele que comanda a vida do mundo, acelerando e diversificando intercâmbios e comércios, trocas e negócios, até mesmo as relações entre os povos. Com este desenvolvimento dos meios de comunicação transformou-se definitivamente a forma como as pessoas observam o mundo.

---

<sup>23</sup> Boaventura de Sousa Santos, *Globalização – fatalidade ou utopia?* Edições Afrontamento, 2001, p. 51.

Ela é fruto

---

*“da “imaginação pós-eletrônica, combinada com a desterritorialização provocada pelas migrações, que tornou possível a criação de universos simbólicos transnacionais, “comunidades de sentimento”, identidades prospetivas, partilhas de gostos, prazeres e aspirações, em suma, o que Appadurai chama ‘esferas públicas diaspóricas’”.*<sup>24</sup>

---

É evidente, na opinião do autor, a forma como a globalização tem abalado os alicerces da sociedade ocidental e não só, modificando os quadros de referências que ligam o indivíduo ao seu mundo social e cultural, alterando as noções de tempo e de espaço, desalojando o sistema social e as estruturas por muito tempo consideradas como fixas, e possibilitando o surgimento de uma pluralização dos centros de exercício do poder. Um dos seus aspetos positivos é sem dúvida alguma a democracia que se está a estender a todo o mundo, e graças a ela aumentou substancialmente a tolerância à diversidade cultural. A globalização está, pois, por detrás desta expansão da democracia.<sup>25</sup>

Outra mudança importante que se verifica na sociedade atual é que os cidadãos partilham com os governantes os mesmos meios de informação plena, e as pessoas estão hoje mais envolvidas em grupos e associações e, por isso, não surpreende que na construção de movimentos sociais fortes, na mobilização

---

<sup>24</sup> Ibidem, p. 52.

<sup>25</sup> Anthony Giddens, *O mundo na era da globalização*, Editorial Presença, 2000, p.18.

social e nas suas novas formas de manifestação estejam patentes as novas perspectivas de ação na sociedade.

Mas a globalização está muito longe de ser consensual e, por isso, têm aumentado os conflitos entre grupos sociais, Estados e interesses hegemónicos, por um lado, e grupos sociais, Estados e interesses subalternos por outro, considera Boaventura Sousa Santos. Estes conflitos são uma reação ao poder dominante dos Estados e interesses do campo hegemónico, que atua com base num consenso estabelecido entre os seus mais influentes membros. É esse consenso que não só confere à globalização as suas características dominantes, como também legitima estas últimas como as únicas possíveis ou as únicas adequadas. Este consenso que foi subscrito pelos Estados centrais em meados da década de oitenta, é conhecido por "consenso neoliberal" ou "Consenso de Washington".<sup>26</sup>

O autor acrescenta que a economia mundial, preconizada pelo consenso de Washington, é hoje visível na globalização da produção que é levada a cabo pelas empresas multinacionais. Neste tipo de economia o Estado tem um papel muito reduzido, como tal deve restringir ao mínimo o seu papel, deve subordinar-se às agências multilaterais como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e a Organização Mundial do Comércio, e sujeitar-se à avaliação das agências financeiras de rating, que são empresas

---

<sup>26</sup> Boaventura de Sousa Santos, *Globalização – fatalidade ou utopia?* Edições Afrontamento, 2001, p. 33.



internacionalmente acreditadas para avaliar a situação financeira dos Estados, e os consequentes riscos e oportunidades que eles oferecem aos investidores internacionais.

Como se depreende, este novo papel exigido ao Estado-nação reduz a sua ação enquanto unidade privilegiada de iniciativa económica, social e política. O preconizado esvaziamento do aparelho do Estado nacional corrói a sua capacidade para conduzir ou controlar fluxos de pessoas, bens, capital ou ideias, como o fez no passado.<sup>27</sup> Com este modelo de globalização a soberania dos Estados mais fracos está agora diretamente ameaçada, não tanto pelos Estados mais poderosos, mas sobretudo por agências financeiras internacionais e pelas empresas multinacionais.

Zygmunt Bauman vê esta invulgar situação como resultado dos “efeitos demolidores da globalização sobre a capacidade decisória dos governos estatais”<sup>28</sup>, uma vez que o capital, que significa dinheiro e outros recursos necessários para fazer as coisas, se move rapidamente, o bastante para se manter permanentemente um passo à frente de qualquer Estado que tente conter e redirecionar os seus movimentos.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> Ibidem, pp. 42-43.

<sup>28</sup> Zygmunt Bauman, *Globalização – as consequências humanas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999, p. 6.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 53.

Santos acredita que esta transformação do poder do Estado implica a sua desnacionalização, a qual é visível no novo modelo de regulação social e económica, assente em parcerias e outras formas de associação entre organizações governamentais, para-governamentais e não-governamentais, nas quais o aparelho de Estado tem apenas tarefas de coordenação. Ao mesmo tempo há uma tendência para a internacionalização do Estado nacional, expressa no aumento do impacto do contexto internacional na atuação do Estado.

Podemos assim concluir que os fundamentos do Consenso de Washington sustentam o consenso do Estado fraco, o consenso da democracia liberal, e o consenso do primado do direito e do sistema judicial. A necessidade de um Estado fraco resulta do facto de que este é inerentemente opressivo e limitativo da sociedade civil, e só reduzindo o seu tamanho é possível reduzir o seu dano e fortalecer a sociedade civil. O "encolhimento" do Estado é conseguido pela desregulação, privatizações e redução dos serviços públicos.<sup>30</sup>

Este caminho que o mundo "deve" trilhar, que resulta de um conjunto de decisões políticas acordado no "Consenso de Washington", tem sido alvo de múltiplos processos de resistência e de contestação social e política, devido não só à disparidade de riqueza entre países pobres e países ricos, que não cessou de aumentar nas últimas décadas, mas também dos poderosos e envolventes

---

<sup>30</sup> Boaventura de Sousa Santos, *Globalização – fatalidade ou utopia?* Edições Afrontamento, 2001, p. 48.

processos de difusão e imposição de culturas definidos como universais. Por isso não surpreende que atualmente se assista à globalização das lutas que defendem a distribuição democrática da riqueza, ou seja, uma distribuição assente em direitos de cidadania, individuais e coletivos, aplicados transnacionalmente, e também à construção democrática das regras de reconhecimento recíproco entre identidades e entre culturas distintas.

Para Boaventura Sousa Santos o novo modelo de globalização que estamos a viver é um sistema mundial em transição. Em transição porque contém em si o sistema mundial velho em processo de profunda transformação, e um conjunto de realidades emergentes que podem ou não conduzir a um novo sistema mundial.

Daí se constata que o Estado, que até há poucas décadas assegurava a integração da economia, da sociedade e da cultura nacionais, contribui hoje ativamente para a desintegração da economia, da sociedade e da cultura a nível nacional em nome da integração destas na economia, na sociedade e na cultura globais. O autor acredita que estamos num período de grande abertura e indefinição, um período de bifurcação cujas transformações futuras são insondáveis. A própria natureza do sistema mundial em transição é problemática e a ordem possível é a ordem da desordem.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Ibidem, p. 94.

Como refere Bauman,

---

*“agora ninguém parece estar no controlo. Como antes, todas as iniciativas e ações de ordenação são locais e orientadas para questões específicas; mas não há mais uma localidade com arrogância bastante para falar em nome da humanidade como um todo ou para ser ouvida e obedecida pela humanidade ao se pronunciar. Nem há uma questão única que possa captar e teleguiar a totalidade dos assuntos mundiais e impor a concordância global.”<sup>32</sup>*

---

Boaventura Sousa Santos acredita que a retirada do Estado do sector social e da regulação económica, com a lei do mercado a presidir à regulação económica e social fez surgir, entretanto, uma nova forma de governo indireto constituído por atores económicos poderosos, que além de possuir um poder enorme e sem qualquer responsabilidade, controla os meios de subsistência básicos das pessoas, desde bens como a água até à energia, passando pelas sementes, segurança ou pela saúde.

O enfraquecimento substancial dos mecanismos democráticos de redistribuição social (os direitos socioeconómicos e o Estado Providência) tornou a redistribuição social no problema mais sério com que nos deparamos atualmente. Como consequência proliferam organizações da sociedade civil genericamente designadas por “terceiro sector”, cuja finalidade consiste em

---

<sup>32</sup> Zygmunt Bauman, *Globalização – as consequências humanas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999, p. 56.

satisfazer as necessidades humanas a que o mercado não consegue dar resposta e o Estado já não está em condições de satisfazer.<sup>33</sup>

Ao analisar os complexos fenómenos que a globalização envolve Boaventura Sousa Santos encontra contradições que conferem uma especificidade transicional ao momento presente, como é o caso da contradição entre globalização e localização. Vivemos atualmente numa sociedade onde as interações globais se intensificam, as relações sociais em geral parecem estar cada vez mais desterritorializadas, e há cada vez mais espaço para opções anteriormente interditas pela tradição, ideologia, nacionalismo... Mas, simultaneamente, expandem-se por todo o lado novas identidades regionais, nacionais e locais, que têm como bandeira o direito às raízes. Estes localismos tanto se referem a territórios reais ou imaginados, como a formas de vida e de sociabilidade. É surpreendente como o global e o local são assim socialmente produzidos no interior dos processos de globalização.

Estas contradições que tornam este período histórico inédito são incluídas pelo autor em quatro processos de globalização: um deles refere-se ao conjunto de trocas desiguais pelo qual um determinado artefacto, condição, entidade ou identidade local estende a sua influência para além das fronteiras nacionais e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outro artefacto,

---

<sup>33</sup> Boaventura de Sousa Santos, "A crítica da governação neoliberal: o Fórum Social Mundial como política e legalidade cosmopolita subalterna", in *Revista crítica de Ciências Sociais*, 72, outubro 2005, p. 13.

condição, entidade ou identidade rival.<sup>34</sup> Esta globalização que pressupõe a localização é visível em variadíssimas situações, nomeadamente no caso do hamburger americano que ao globalizar-se localiza o bolo de bacalhau português, no sentido em que este será cada vez mais visto como um particularismo típico da sociedade portuguesa.

Outra transformação diz respeito ao acentuar da especificidade local. Muitos dos lugares turísticos de hoje têm de vincar o seu carácter exótico, genuíno e tradicional para poderem ser suficientemente atrativos no mercado global de turismo.

A produção de globalização implica a produção de localização defende Santos, sendo a primeira forma de globalização o localismo globalizado, que consiste no processo pelo qual determinado fenómeno local é globalizado com sucesso. Isso aconteceu, por exemplo, com a transformação da língua inglesa em idioma mundial. Neste modo de produção de globalização o que se globaliza é o vencedor de uma luta pela apropriação ou valorização de recursos, ou pelo reconhecimento da diferença. A vitória traduz-se, pois, na faculdade de ditar os termos da integração, da competição e da inclusão.

---

<sup>34</sup> Boaventura de Sousa Santos, *Globalização – fatalidade ou utopia?* Edições Afrontamento, 2001, p.69.

A segunda forma de globalização é o globalismo localizado, que consiste no impacto específico nas condições locais produzido pelas práticas e imperativos transnacionais que decorrem dos localismos globalizados.

Segundo Boaventura Sousa Santos,

---

*“Para responder a esses imperativos transnacionais, as condições locais são desintegradas, desestruturadas e, eventualmente, reestruturadas sob a forma de inclusão subalterna. Tais globalismos localizados incluem: a eliminação do comércio de proximidade; criação de enclaves de comércio livre ou zonas francas; desflorestação e destruição maciça dos recursos naturais para pagamento da dívida externa; uso turístico de tesouros históricos, lugares ou cerimónias religiosos, artesanato e vida selvagem; dumping ecológico (‘compra’ pelos países do Terceiro Mundo de lixos tóxicos produzidos nos países capitalistas centrais para gerar divisas externas); conversão da agricultura de subsistência em agricultura para exportação como parte do “ajustamento estrutural”(...)”<sup>35</sup>*

---

Podemos então concluir que na produção da globalização os países centrais especializam-se em localismos globalizados, enquanto aos países periféricos resta tão só a escolha de globalismos localizados. Os países semiperiféricos são caracterizados pela coexistência de localismos globalizados e de globalismos localizados e pelas tensões entre eles, daí que se possa afirmar que o sistema mundial em transição envolve tanto uns como outros.

---

<sup>35</sup> Ibidem, pp. 71-72.

Se até agora a globalização neoliberal continua a ser a forma dominante de globalização, ela tem sido confrontada com outra forma de globalização - a globalização contra-hegemónica. Esta é constituída por movimentos sociais e organizações da sociedade civil que vêm empreendendo uma luta global contra todas as formas de opressão geradas ou intensificadas pela globalização dominante. Estas práticas sociais e culturais transnacionais de resistência ao seu domínio são designadas, por Boaventura Sousa Santos, de cosmopolitismo e património comum da humanidade.

Neste sentido, o cosmopolitismo e o património comum da humanidade recorrem às possibilidades de interação transnacional proporcionadas pelas tecnologias de informação e de comunicação, utilizando as redes sociais como veículo para a difusão do seu discurso contra a exclusão, a inclusão subalterna, a dependência, a desintegração, a despromoção...

Estas atividades cosmopolitas envolvem inúmeras estruturas, desde organizações transnacionais de direitos humanos; redes mundiais de movimentos feministas; organizações não governamentais (ONG's); organizações transnacionais de militância anticapitalista; redes de movimentos e associações indígenas, ecológicas ou de desenvolvimento alternativo; movimentos literários, artísticos e científicos na periferia do sistema mundial, que estão em busca de valores culturais alternativos, não imperialistas, contra-



hegemónicos...<sup>36</sup> As coligações cosmopolitas têm por objetivo a luta pela emancipação das classes dominadas, sejam elas dominadas por mecanismos de opressão ou de exploração. Daí podermos dizer que o cosmopolitismo não é mais do que o cruzamento de lutas progressistas locais, com o objetivo de maximizar o seu potencial de emancipação através das ligações translocais/locais.

Por sua vez, o património comum da humanidade dedica-se à luta transnacional pela proteção e desmercadorização de recursos, entidades, artefactos, ambientes considerados essenciais para a sobrevivência digna da humanidade e cuja sustentabilidade só pode ser garantida à escala planetária. Pertencem ao património comum da humanidade - as lutas ambientais, as lutas pela preservação da Amazónia, da Antártida, da biodiversidade ou dos fundos marinhos e ainda as lutas pela preservação do espaço exterior, da lua e de outros planetas, concebidos também como património comum da humanidade. Todas estas lutas se referem a recursos que pela sua natureza têm de ser geridos por outra lógica que não a mercantil, em nome das gerações presentes e futuras.<sup>37</sup>

É visível o impacto que tanto o cosmopolitismo como o património comum da humanidade têm tido nas últimas décadas. Santos entende que é através destes movimentos sociais que se está a construir uma globalização política

---

<sup>36</sup> Ibidem, p. 73.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 75-76.

alternativa à globalização hegemónica, desenvolvida a partir da necessidade de se criar uma obrigação política transnacional. As resistências de que têm sido alvo demonstram que aquilo a que chamamos globalização é, na verdade, um conjunto de campos de lutas transnacionais entre a globalização hegemónica e a globalização contra-hegemónica. Podemos então concluir que os localismos globalizados e os globalismos localizados são globalizações hegemónicas; o cosmopolitismo e o património comum da humanidade são globalizações contra-hegemónicas, na medida em que lutam pela transformação de trocas desiguais em trocas de autoridade partilhada.

Para o autor a transformação contra-hegemónica pressupõe a globalização das lutas que tornem possível a distribuição democrática da riqueza, uma distribuição assente em direitos de cidadania, individuais e coletivos aplicados transnacionalmente, e também tornem possível o multiculturalismo, que está na base da construção democrática das regras de reconhecimento recíproco entre identidades e entre culturas distintas.

Às organizações não governamentais juntam-se as organizações da sociedade civil que lutam contra a globalização neoliberal. Estas últimas situam as suas ações num conceito de ativismo político mais alargado, pondo em causa o modelo hegemónico de democracia, advogando uma democracia participativa de base e recusam a ideia de que não existe alternativa à globalização neoliberal. Consideram-se anticapitalistas e defendem economias alternativas,

modelos alternativos de desenvolvimento ou alternativas ao próprio desenvolvimento.

Estas organizações da sociedade civil têm tido um papel relevante nos últimos anos, a sua ação estende-se a todos os continentes e a sua mensagem tem sido cada vez mais difundida pelos meios de comunicação social e pelas redes sociais. Não obstante terem na sua maioria uma implantação local, trabalham em rede com organizações semelhantes de outros territórios bem como com organizações de âmbito global. São estes elos e toda esta ligação em rede, numa relação local e global, que constitui a globalização contra-hegemónica.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Boaventura de Sousa Santos, “A crítica da governação neoliberal: o Fórum Social Mundial como política e legalidade cosmopolita subalterna”, in *Revista crítica de Ciências Sociais*, 72, outubro 2005, p. 17.

## CAPÍTULO II - LEONARDO BOFF, TEÓLOGO E AMBIENTALISTA

O seu nome representa no mundo inteiro uma das expressões intelectuais mais importantes da Teologia da Libertação. Leonardo Boff tornou-se o principal teólogo desta doutrina no Brasil. É o intelectual de maior expressão no campo da esquerda católica brasileira, percebeu a importância do fenómeno social chamado “cristianismo da libertação” e tornou-se porta-voz do movimento. Leonardo Boff representa uma voz muito importante para a teologia do pluralismo religioso. Esteve presente desde o início na reflexão que procurou articular o discurso indignado frente à miséria e à marginalização com o discurso da fé cristã, génese da chamada Teologia da Libertação. Foi sempre um defensor da causa dos direitos humanos, tendo ajudado a formular uma nova perspectiva a partir da América Latina. Reconhecido internacionalmente pela sua militância histórica em defesa das causas sociais, Leonardo Boff tem obtido atualmente destaque internacional pelo seu envolvimento em questões ambientais.

Leonardo Boff nasceu no Brasil em 1938, em Concórdia, com o nome de Genésio Darci Boff. É neto de imigrantes italianos da região de Veneto que vieram para o Rio Grande do Sul no final do século XIX. Boff cresceu numa realidade tipicamente italiana e rural.

Ingressou na Ordem dos Franciscanos em 1959, sendo ordenado padre em 1964. Esta Ordem religiosa teve um impacto muito importante na sua vida e na sua visão do mundo; para ele ser franciscano “obriga” a uma forma muito especial de viver neste mundo, em que se destaca a relação especial que se tem com a natureza e com a dimensão de bondade do mundo.

Fez o doutoramento em Filosofia e Teologia na Universidade de Munique (Alemanha) em 1970, onde defendeu a sua tese de doutoramento em Teologia sob o título: *“A Igreja como sacramento no horizonte da experiência do mundo. Tentativa de uma fundamentação estrutural-funcional da eclesiologia”*. A tese foi publicada por iniciativa do então cardeal Joseph Ratzinger, o futuro papa Bento XVI. No mesmo ano (1970) obteve o título de doutor em Filosofia da Religião pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. A partir desta altura inicia o seu percurso docente em instituições nacionais e internacionais.<sup>39</sup>

Leonardo Boff regressa da Alemanha em 1970 e encontra o seu país a ser governado por uma ditadura militar. Censura, prisões arbitrárias, tortura, morte, exílio... um endurecimento sem precedentes do regime militar. Leonardo Boff começa a sua ação pastoral em Petrópolis onde existem mais de cem favelas escondidas atrás das montanhas.

---

<sup>39</sup> Citado no site oficial de Leonardo Boff, [www.leonardoboff.com](http://www.leonardoboff.com)

Enquanto estudou e viveu na Europa Leonardo Boff teve um contacto com o denominado “mundo desenvolvido”; o choque que sofreu quando chegou ao Brasil e começou o seu trabalho junto da população pobre das favelas fê-lo perceber a distância que separa esses dois mundos. No entanto, nota que os dois mundos formam um todo desigual e interdependente, mas com uma clara dominação de uma parte sobre a outra, e foi assim que Leonardo Boff descobriu o universo dos pobres, os tais que por mecanismos económicos, políticos e culturais são feitos oprimidos. Foi esta “anti-realidade” (nas suas palavras) que feriu a sensibilidade humana e cristã dos teólogos nos vários países da América Latina. Ao vivenciar quotidianamente esta realidade, padres e teólogos latino-americanos colocaram-se ao lado dos pobres, assumiram a causa dos pobres e rejeitaram o modo dito tradicional de fazer teologia, fazendo-se assim teólogos da libertação.<sup>40</sup> Esta reflexão da situação de pobreza e exclusão social à luz da fé cristã foi aplicada por Leonardo Boff no Brasil, sendo considerado o principal teólogo do chamado “cristianismo da libertação” no seu país.

Leonardo Boff participa frequentemente em debates, mesas redondas e entrevistas em diversos canais de TV e rádio no Brasil e no estrangeiro sobre assuntos de religião e sociedade, relações internacionais, o destino dos pobres, o futuro do socialismo e sobre questões ligadas à justiça social, à ecologia e à espiritualidade. Nos últimos vinte anos Leonardo Boff produziu uma vasta

---

<sup>40</sup> Leonardo Boff, *A vida aos 70 anos: um sonho matinal*, 2009, in [www.gentedeopinioao.com.br](http://www.gentedeopinioao.com.br)

literatura relacionada com a questão ecológica e com a ética planetária. Nela propõe um novo ethos mundial, um novo paradigma civilizacional denominado paradigma ecológico, recentemente apelidado de cosmologia da transformação que se caracteriza pelo fim das relações de exploração em relação à natureza e aos seres humanos.

Tem sido agraciado com inúmeros prémios, destacando-se o prémio Nobel Alternativo Right Livelihood ("Prémio da Sustentabilidade") em 2001. Leonardo Boff foi premiado por unir na sua vida "espiritualidade, justiça social e proteção ao meio ambiente", pregando "a defesa do planeta e a questão da paz entre os povos".<sup>41</sup>

Foi o representante brasileiro e único católico, de um grupo de 23 estudiosos, na elaboração da Carta da Terra. O documento final foi publicado em 2000 e teve a participação de cem mil pessoas de 46 países.

---

*A Carta da Terra é uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século XXI, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Busca inspirar todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada, voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. É uma visão de esperança e um chamado à ação. Oferece um novo marco, inclusivo e integralmente ético para guiar a transição para um futuro sustentável. Ela*

---

<sup>41</sup> Leonardo Boff recebe Nobel Alternativo, in <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=1922>

*reconhece que os objetivos de proteção ecológica, erradicação da pobreza, desenvolvimento económico equitativo, respeito pelos direitos humanos, democracia e paz são interdependentes e indivisíveis.*

*O documento é resultado de uma década de diálogo intercultural, em torno de objetivos comuns e valores compartilhados. O projeto começou como uma iniciativa das Nações Unidas, mas se desenvolveu e finalizou como uma iniciativa global da sociedade civil. Em 2000 a Comissão da Carta da Terra, uma entidade internacional independente, concluiu e divulgou o documento como a carta dos povos.*

*A redação da Carta da Terra envolveu o mais inclusivo e participativo processo associado à criação de uma declaração internacional. Esse processo é a fonte básica de sua legitimidade como um marco de guia ético. A legitimidade do documento foi fortalecida pela adesão de mais de 4.500 organizações, incluindo vários organismos governamentais e organizações internacionais.*<sup>42</sup>

---

Para Leonardo Boff a Carta da Terra é o documento que expressa o novo estado de consciência da humanidade, de que a Terra não é só o lugar onde habita o ser humano “mas o ser humano é a própria Terra.”<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Carta\\_da\\_Terra](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Carta_da_Terra)

<sup>43</sup> Citado no site oficial de Leonardo Boff, [www.leonardoboff.com](http://www.leonardoboff.com)



## 1. A GLOBALIZAÇÃO TIRANOSSÁURICA

Leonardo Boff enquadra-se na corrente contra-hegemónica da globalização. A leitura que faz da sociedade atual em que vigoram os valores da globalização hegemónica é muito negativa. O Ocidente impôs ao resto do mundo um modelo que todas as sociedades devem seguir, visível na forma de lidar com a natureza mediante a tecnociência, e também na maneira de organizar a sociedade (a democracia representativa), na sua visão da pessoa humana (cidadão com direitos inalienáveis), e na maneira de entender e venerar Deus (cristianismo como religião hegemónica no mundo). Para Leonardo Boff tudo começou no século XV com o processo de expansão das potências hegemónicas da época, Portugal e Espanha, que se expandiram para África, América e Ásia e ocidentalizaram o mundo.<sup>44</sup>

Boff disserta sobre esse processo que ocorreu sob grande violência e que provocou a destruição de civilizações e culturas, desestruturação de territórios, e a imposição dos valores ocidentais aos povos colonizados. Esta violência foi ao longo dos séculos sendo substituída pela ciência e técnica, as novas armas com as quais o mundo ocidental tem submetido o resto do mundo. O autor apelida este período de idade tiranossáurica da globalização:

---

<sup>44</sup> Leonardo Boff, *A idade tiranossáurica da globalização*, in [www.leonardoboff.com](http://www.leonardoboff.com)

---

*“Chamamo-la tiranossáurica porque em sua virulência guarda analogia com os tiranossauros, os mais vorazes de todos os dinossauros. Com efeito, a lógica da competição, sem qualquer laivo de cooperação, confere traços de impiedade à globalização imperante. Exclui cerca de metade da humanidade, e suga o sangue das economias dos países fracos e retardatários, lançando cruelmente milhões e milhões na fome e na inanição. Cobra custos ecológicos de tal monta que põe em risco a biosfera, pois polui o ar, envenena os solos, contamina as águas e quimicaliza os alimentos. Não freia a sua voracidade tiranossáurica nem face à possibilidade real de impossibilitar o projeto planetário humano. Prefere a morte que a redução de seus ganhos materiais.”<sup>45</sup>*

---

O processo de globalização que teve início no século XV culminou na segunda metade do século XX com a expansão da tecnociência a partir dos EUA. A tecnociência é, segundo o autor, uma arma de dominação e de enriquecimento das corporações globais que controlam os mercados nacionais. E conclui que a crise que o mundo vive atualmente radica no tipo de sociedade que criámos a partir dos Descobrimentos. Esta crise é global, porque este tipo de sociedade difundiu-se ou foi imposto praticamente em todo o mundo e produz pobreza e miséria de um lado, e riqueza e acumulação do outro. E isto acontece porque o núcleo desta sociedade não está construído sobre a vida, o bem comum de todos, a participação e a solidariedade entre os seres humanos.

---

<sup>45</sup> Leonardo Boff, “As idades da globalização”, *Revista Utopía y Praxis Latinoamericana*, vol. 7, nº16, 2002.

O eixo estruturador desta sociedade está na economia que é o conjunto de poderes e instrumentos de criação de riqueza, mediante os quais se faz a depredação da natureza e a exploração dos seres humanos, acusa Leonardo Boff. É a economia do crescimento ilimitado no tempo mais rápido possível, com o mínimo de investimento e a máxima rentabilidade. Para este tipo de economia do crescimento a natureza é degradada a um simples conjunto de “recursos naturais” ou a matéria-prima disponível para os interesses humanos.

O autor acredita que somente agora quando a alarme ecológico chegou às páginas de economia, é que os governos e grandes instituições internacionais levaram a sério a crise que existe no planeta e que atinge milhões de pessoas. Não são apenas os pobres, mas também todos os seres vivos que estão reféns de um paradigma que há muitos anos se propôs explorar de forma ilimitada todos os recursos e serviços da Terra. É o paradigma da vontade de poder como dominação, de característica antropocêntrica linear, reducionista, fundamentada na razão instrumental, que submete a natureza e a destrói indiscriminadamente <sup>46</sup> Daí sermos todos oprimidos e necessitados de libertação, defende Leonardo Boff

O autor acredita que o poder ocidental conseguiu não só impôr a sua cultura homogênea, que transfigura as culturas regionais, como também conseguiu estabelecer um modo único de produção (capitalista), assente na concorrência,

---

<sup>46</sup> Leonardo Boff, *A vida aos 70 anos: um sonho matinal*, 2009, in [www.gentedeopinioao.com.br](http://www.gentedeopinioao.com.br)

que acaba por provocar a destruição dos laços de sociabilidade e cooperação. Ele incrimina o Ocidente de ter conseguido difundir um pensamento único (neoliberal) que se estende atualmente sobre todo o planeta, tornando incontestáveis os estilos de vida e valores ocidentais. Mas, o mais grave é para Leonardo Boff o fato de se ter feito da Terra um balcão de negócios onde tudo é vendido e feito objeto de lucro.

---

*“Deste modelo de globalização excludente resulta que por um lado temos um pequeno grupo de nações opulentas se enchafurdando no consumo material, com uma pobreza espiritual e humana espantosa, colocando todos os benefícios da tecnociência a seu serviço e, por outro, as multidões barbarizadas, entregues à sua própria sorte, carvão para o funcionamento da máquina produtiva e condenadas a morrer antes do tempo, vítimas da fome, das doenças dos pobres e da degradação geral da Terra.”<sup>47</sup>*

---

E isto acontece porque ao longo de sucessivas décadas se tornou irrefutável a tese segundo a qual a qualidade de vida implicava o crescimento económico contínuo, medido através da intensificação do consumo de energia, do aumento da utilização de matérias-primas (não renováveis ou exploradas acima da taxa de renovação natural), e da explosão nos volumes de resíduos (com diferentes graus de perigosidade). Mas hoje a questão fundamental é que já atingimos um ponto em que a insustentabilidade desse dogma se revelou claramente. O nosso planeta tem limites que afetam os “stocks” disponíveis de matéria e energia

---

<sup>47</sup> Leonardo Boff, *A idade tiranossáurica da globalização*, in [www.leonardoboff.com](http://www.leonardoboff.com)

utilizáveis e absorvíveis no processo produtivo. A corrida para o progresso infinito, que era a crença dominante nos anos 50 e 60 do século passado, é hoje uma miragem de pesadelo.<sup>48</sup>

Sabemos hoje que durante muitos séculos, por maior que fosse a intervenção do ser humano no meio natural, ela não produzia uma alteração visível e nem sequer se colocava a possibilidade de esgotamento dos recursos que a natureza oferecia. A vida humana não hostilizava o meio natural. Mas a idade moderna colocando a razão humana no topo com os inúmeros progressos científicos e tecnológicos que se lhe seguiram, legitimou uma nova visão da natureza. A natureza aparece, então, como um mero reservatório inesgotável de matérias primas e energia de que a humanidade podia dispor sem qualquer limitação.

---

<sup>48</sup> Viriato Soromenho-Marques (guia de textos) “Política Internacional de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Balanço e Perspetivas”, *Metamorfoses. Entre o Colapso e o Desenvolvimento Sustentável*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2005, pp. 37-62, in [www.viriatoromenho-marques.com/guia\\_textos.html](http://www.viriatoromenho-marques.com/guia_textos.html)

## 2. O PARADIGMA ECOLÓGICO DE LEONARDO BOFF

Boff critica severamente a globalização imperante, mas reconhece que ela, no entanto, criou as condições infraestruturais e materiais para as outras formas de globalização, isto é, projetou as grandes avenidas de comunicação global, construiu a rede de trocas comerciais e financeiras, incentivou o intercâmbio entre todos os povos, continentes e nações. O autor reconhece que sem essas pré-condições seria impossível sonhar com globalizações de outra ordem.

Nos últimos anos conseguimos descortinar três dados que tornaram patente a globalização englobando a todos sem exceção: o processo de comunicação, o perigo nuclear e o alerta ecológico, não esquecendo a nova consciência planetária gerada pelos fatores económico e político-ecológico. Mas como é que essa consciência planetária se manifesta? Para o autor nós somos co-responsáveis pelo nosso destino comum, do ser humano e da Terra, formamos na verdade uma única entidade. Para Leonardo Boff a crescente unificação do mundo através dos canais de comunicação criou nos seres humanos

---

*“uma consciência planetária, ecuménica e solidária na procura de um novo humanismo. O encontro das culturas e das várias interpretações do mundo ocidental e oriental gera uma crise de todos os humanismos tradicionais. Desta fermentação e*

*do confronto dos vários horizontes e modelos nascerá uma nova compreensão do homem e de sua função no universo".<sup>49</sup>*

---

Boff acredita que está a nascer uma nova benevolência para com a Terra. O planeta é como uma nave espacial com recursos abundantes mas limitados, e só com a sinergia entre todos podemos fazer com que esses recursos sejam suficientes para todos. Segundo o autor, ou cuidamos uns dos outros e juntos cuidamos da Terra, dos seus ecossistemas e da imensa biodiversidade, ou o nosso futuro não está garantido. Essa preocupação deve envolver-nos a todos e fundar a nova era da globalização. Será a era da autêntica humanização do ser humano que viverá como ser comunitário, ser de cooperação, ser de compaixão, ser ético que se responsabiliza pelos seus atos para que estes sejam benéficos para o futuro comum da Terra e da Humanidade. Desta ótica nasce uma nova ética, um novo padrão de comportamento humano e ecológico.

A convicção de que cada pessoa é sagrada e sujeito de dignidade difunde-se cada vez mais na sociedade atual e, para o autor, isso só é possível de realizar se existir um consenso mínimo para o aparecimento de uma ética global que se concentre na humanitas da qual todos e cada um são portadores. Mais que um conceito, a humanitas é um sentimento profundo de que somos, finalmente, irmãos e irmãs, viemos de uma mesma origem, possuímos a mesma natureza e participamos de um mesmo destino. Leonardo Boff propõe a inauguração de

---

<sup>49</sup> Leonardo Boff, *Jesus Cristo libertador*, Editora Vozes, 1972, p. 270.

uma nova era caracterizada por um novo acordo de respeito, veneração e mútua colaboração entre Terra e humanidade. É a era da ecologia integral, a que Leonardo Boff dá o nome de ecozóica.<sup>50</sup>

Esta corrente de pensamento começou a sobressair nos textos de Leonardo Boff publicados a partir dos anos 80. Neles o autor faz um alerta para a salvação da Terra e do seu fruto mais precioso - a própria humanidade. Propõe-nos o empenho na construção de uma "biocracia", democracia sociocósmica centrada na vida. De acordo com as proposições ético-ambientais de Boff, representadas na sua nova conceção de Paradigma Ecológico ou Cosmologia da Transformação, esta proposta irá possibilitar o aparecimento de uma nova consciência planetária denominada era ecozóica, que se caracterizará pelo fato de que todos os esforços humanos nas ciências, na política, na economia e nas artes deverão estar ecocentrados na questão ambiental e na sustentabilidade, de forma a evitar o que o autor denomina de ecocídio anunciado.

Boff reforça a ideia de que nos encontramos no momento das grandes decisões, no ponto em que podemos potenciar a vida, os ecossistemas e o futuro de Gaia, ou podemos ameaçá-la, frustrar o nosso destino e dizimar a biosfera. É que depois de tantas intervenções nos ritmos da natureza sem termos em conta as consequências negativas, agora damos-nos conta de que devemos preservar o mais que podemos e regenerar as feridas infligidas.

---

<sup>50</sup> Leonardo Boff, "As idades da globalização", *Revista Utopía y Praxis Latinoamericana*, vol. 7, nº16, 2002.



O paradigma ecológico em Leonardo Boff emerge, assim, a partir de uma nova consciência preocupada em preservar a vida sob as mais diversas formas. É que apesar do avanço exponencial da técnica e da ciência, não se conseguiu ainda explicar as mudanças que estão a ocorrer no planeta e nem são oferecidas soluções práticas para as crises económica, social e ecológica.

O paradigma ecológico coloca-se como ensinamento para o ser humano sobre os princípios que sustentam a criação: a humildade, a bondade, o carinho, a ternura, o cuidado, a sinergia e é de esperança quanto ao futuro da humanidade e da natureza. No centro desse novo paradigma estão a ecologia, a nova cosmologia e a nova psicologia.

Para que esta ética tenha viabilidade o autor aponta os princípios que enformam os 4 tipos de ecologia por ele propostos. A ecologia ambiental que se preocupa com o meio ambiente, com a sua transfiguração, com a qualidade de vida e com a preservação das espécies em vias de extinção. A ecologia ambiental vê a natureza em si mesma, pondo de parte o ser humano e a sociedade. O seu interesse reside na procura de tecnologias novas, menos poluentes, com o intuito de corrigir os excessos da avidez do projeto industrial mundial que implicou sempre enormes custos ecológicos.

A ecologia social insere o ser humano e a sociedade dentro da natureza, preocupando-se com a injustiça social que significa uma violência contra o ser humano. A ecologia social defende um desenvolvimento sustentável, que é

aquele em que se tem hoje em atenção as carências básicas dos seres humanos sem sacrificar o capital natural da Terra, e em que se considera também as necessidades das gerações futuras que têm direito a herdarem uma Terra habitável.

Leonardo Boff acrescenta que precisamos de uma sociedade sustentável, uma sociedade onde o bem-estar não pode ser apenas social, mas tem de ser também sociocósmico, isto é, que tenha em conta os demais seres da natureza, pois todos juntos constituem a comunidade planetária na qual estamos inseridos, e sem os quais não viveríamos.

A Ecologia mental ou ecologia profunda sustenta que as causas do déficit da Terra não se encontram apenas no tipo de sociedade que atualmente temos, mas também no tipo de mentalidade que vigora, cujas raízes provêm de épocas anteriores à nossa história moderna, incluindo a profundidade da vida psíquica humana consciente e inconsciente.

O autor acredita que há em nós instintos de violência, vontade de dominação, arquétipos sombrios que nos afastam da benevolência em relação à vida e à natureza. É dentro da mente humana que se iniciam os mecanismos que nos levam a uma guerra contra a Terra, devido à nossa cultura antropocêntrica. O antropocentrismo considera o ser humano dono do universo, e os outros seres só têm sentido quando ordenados ao ser humano.

Esta estrutura quebra com a lei mais universal do universo: a solidariedade cósmica.

Boff acrescenta ainda que a moderna cosmologia ensina-nos que tudo está relacionado com tudo em todos os momentos e em todas as circunstâncias. O ser humano esquece esta realidade. Afasta-se e coloca-se sobre as coisas em vez de sentir-se junto e com elas, numa imensa comunidade planetária e cósmica.

Finalmente a Ecologia integral, que parte de uma nova visão do planeta Terra inaugurada pelos astronautas a partir dos anos 60. A Terra faz parte de um sistema solar e uma galáxia entre biliões de outras. Do espaço a Terra aparece como um resplandecente planeta azul e branco que cabe na palma da mão. Daquela perspetiva não há distinção entre Terra e seres humanos, o planeta e a sua biodiversidade emergem como uma única entidade, conferindo uma dimensão diferente aos nossos problemas terrenos.<sup>51</sup>

O paradigma ecológico impõe-se pela compaixão e sensibilidade em relação ao planeta Terra, e pela necessidade de inclusão de todos os seres na grande família planetária, ou seja, pela descoberta de que tudo está inter-relacionado numa teia infinita de relações. Este paradigma ainda não se firmou, reconhece Leonardo Boff, mas está a nascer uma nova consciência e uma nova postura do ser humano em relação à natureza.

---

<sup>51</sup> *As 4 ecologias de Boff*, [www.bioterra.blogspot.pt](http://www.bioterra.blogspot.pt) e *As 4 ecologias*, [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

# CAPÍTULO III - HANS JONAS E HANS KÜNG

## COM/CONTRA LEONARDO BOFF

### 1. O PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE DE HANS JONAS

Hans Jonas e Hans Küng refletiram sobre a crise ecológica que afeta atualmente o nosso planeta e apresentaram éticas consentâneas com a realidade presente. Existem nas suas propostas vários pontos de convergência com o pensamento de Leonardo Boff, mas cada um dos autores apresenta projetos diferentes para a criação de uma ética mundial que aponte soluções para os problemas do nosso tempo.

Para Hans Jonas<sup>52</sup> a natureza foi submetida a uma lógica de cálculo, previsão e domínio, foi confrontada com o poder esmagador das ambições científicas e tecnológicas do homem e, por isso, sente-se incapaz de sustentar por muito mais tempo o seu equilíbrio. O homem atua sobre a natureza com uma voracidade tal que retira dela tudo o que precisa para as suas realizações. Os efeitos dessa

---

<sup>52</sup> **Hans Jonas** nasceu na cidade de Mönchengladbach, em 1903. Estudou filosofia e teologia em Friburgo, Berlim e Heidelberg. Deixou a Alemanha e foi para a Palestina em 1934. Em 1940 regressou à Europa para ingressar no Exército Britânico, que tinha formado uma brigada especial para judeus alemães que quisessem lutar contra Hitler. Foi enviado para Itália, depois para a Alemanha onde esteve até ao final da guerra. Cumpriu assim a sua promessa de apenas retornar ao seu país se fosse como soldado de um exército vitorioso. Descobriu que a mãe tinha morrido nas câmaras de gás de Auschwitz e, por isso, recusou-se a viver novamente na Alemanha. Regressou à Palestina e tomou parte na guerra entre árabes e israelitas em 1948. Em 1950 foi para o Canadá, como professor da Universidade de Carleton, e de lá mudou-se para Nova Iorque onde viveu o resto da sua vida. Trabalhou para a Nova Escola de Investigações Sociais entre 1955 e 1976, e morreu em 1993, aos 89 anos.

deprecação levam a que a natureza, debilitada e atingida, vulnerável face à presença predadora do homem, não consegue acompanhar a violação que lhe é imposta. Os resultados estão à vista: uma escassez cada vez maior de recursos, a morte de ecossistemas e a extinção de espécies animais. O cenário revela-se trágico. É perante este panorama que se confronta a reflexão de Hans Jonas, e é a partir daqui que se deve analisar a existência de novos princípios éticos que tenham em conta esta perspectiva de catástrofe imediata.

Para Hans Jonas impõe-se a reavaliação dos pressupostos da ética que até agora têm guiado a ação humana, desde a modernidade até aos dias de hoje. É evidente não só a necessidade, mas também a urgência de tentar procurar novos princípios éticos que reconfigurem a relação do homem com a natureza, porque dela poderá depender, no futuro, a sobrevivência da espécie humana como a conhecemos.

Jonas quer chamar a atenção para a insuficiência dos imperativos éticos tradicionais diante das “novas” dimensões do agir coletivo. A ética tradicional já não tem categorias consensualmente convincentes para sustentar um debate sobre a ação humana com o meio em que vivemos. Por isso é fundamental o aparecimento de uma ética que garanta a existência humana e de todas as formas de vida existentes na biosfera.

A ação humana deverá ser responsável e moderada, orientada para o futuro de uma forma racional, de modo a deixar às gerações vindouras um legado

duradouro, isto é, um planeta habitável e apto a gerar as condições para a vida humana tal como a temos conhecido até hoje, defende Hans Jonas.

Anteriormente a natureza não fazia parte da responsabilidade humana, por isso a ética não estava relacionada com a natureza. Jonas insiste que há uma necessidade fundamental de aproximar a moralidade da inteligência, para que se efetive a responsabilidade. Afinal, por detrás das ameaças à sustentabilidade da vida no planeta existe uma troca perigosa de valores que alimentou a arrogância, o imediatismo, o materialismo, a ausência da ética, o analfabetismo ambiental, a ignorância e a cegueira espiritual, na qual emergiram as pessoas levadas por um modelo de “desenvolvimento” que tem como divindades: o mercado, o lucro, o consumo exacerbado e, como fonte de alimentação do processo, a falta de percepção.

A vulnerabilidade da natureza requer, portanto, uma mudança decisiva na compreensão ética acerca da vida. Há necessidade de um novo olhar ético, um novo comportamento do sujeito, uma atitude de responsabilidade a ser fundamentada eticamente, defende Hans Jonas. Essa nova ética tem que estar assente em princípios universais e racionalmente aceites, que não dependam exclusivamente do interesse particular do homem e, ao mesmo tempo, impeçam o seu poder de se tornar uma maldição para ele mesmo.

Leonardo Boff argumenta que para combater o princípio de autodestruição será necessário construir o princípio de co-responsabilidade da nossa espécie

para com o planeta Terra, ou seja, teremos que tomar decisões coletivas que permitam a evolução da Terra seguir o seu curso natural:

---

*“O que caracteriza essa nova cosmologia é o reconhecimento do valor intrínseco de cada ser e não o da sua mera utilização humana, o respeito por toda a vida, a dignidade da natureza e não a sua exploração, o cuidado no lugar da dominação, a espiritualidade como um dado da realidade humana e não apenas expressão de uma religião.”<sup>53</sup>*

---

Então novos valores éticos orientarão a chamada “era ecozóica”, momento posterior quando todos os valores ético-morais, espirituais e científicos se dedicarão a proteger a Mãe Terra ou Gaia. Assim, segundo Leonardo Boff, o nosso planeta seria poupado às agressões contínuas recebidas do ser humano, de forma a retornarmos ao equilíbrio perdido, o que propiciaria a constituição de uma sociedade verdadeiramente sustentável. Para isso é indispensável um consenso mínimo, porque a questão ecológica não pode ser pensada somente como problema técnico envolvendo a criação de novas tecnologias menos poluentes. O que está em jogo nos debates atuais não é apenas a diminuição das emissões de CO<sub>2</sub> na atmosfera ou o controle do desmatamento da floresta amazônica, mas principalmente o questionar o nosso modo de estar e atuar no mundo. A crise ecológica exige uma reflexão sobre a ética, porque pensar o agravamento das condições naturais de existência coloca em causa os valores sobre os quais se constituiu a civilização ocidental.

---

<sup>53</sup> Leonardo Boff, *Sustentabilidade: o que é - o que não é*, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2012, p. 78.

Diante desta situação constata-se que é urgente uma verdadeira revolução capaz de realizar as mudanças necessárias. Mas para que esse tipo de revolução aconteça é indispensável que ela seja fundamentada em algo consistente e que possa ser aceita por toda a humanidade. Leonardo Boff defende que esse tipo de revolução só é possível através de um “pacto ético”, ou seja, de princípios que possam ser acolhidos, entendidos, não só com a razão, mas também com o pathos, com a emoção, com o coração. É que enquanto não houver a construção de uma ética mundial que abarque todos os Estados mundiais, as pessoas vão continuar a fazer a sua vida sem se importarem com o futuro do planeta, com o seu próximo, sem fazer nada para mudar este caminho rumo à extinção.

Hans Jonas defende que perante o agir humano e o poder inusitado da tecnociência urge a definição de novos valores, de novas estratégias, de novas formas de expressão e de representatividade política. Para isso é necessário que se criem novas formas de governabilidade a todos os níveis, e que sejam definidas metas compatíveis e ajustadas a um equilíbrio cada vez maior entre o mundo humano e o mundo natural. Essas metas têm que ter em conta não só o presente imediato, mas também um horizonte de longo prazo. E também têm que colocar o homem a salvo da inconstância do seu agir coletivo que despojou a natureza dos seus mecanismos próprios de auto regulação.

A contribuição teórica de Hans Jonas procura assim responder aos inúmeros desafios suscitados pela civilização tecnológica:



---

*“(…) eu procuro uma resposta à ameaça cada vez mais manifesta que deixa planar a técnica contemporânea sobre o futuro do homem e da vida. Ora porque esta ameaça resulta em si de um ato humano e não de outro qualquer destino cósmico, ela interpela a ética e exige uma teoria ética.”<sup>54</sup>*

---

Cabe então à metafísica contribuir de forma decisiva para a compreensão do fenómeno da vida ao elaborar uma base teórica que sirva de fundamento a uma nova ordem ética.

Jonas propõe que o ser humano redimensione o seu agir com responsabilidade tendo presente as repercussões concretas das suas ações. Isso requer que se repense o poder que o homem tem diante das inovações da tecnologia, de modo que a natureza não seja aniquilada pelo mau uso da técnica e que não haja a perda de controle sobre os seus efeitos. Daí emerge o “princípio responsabilidade” expresso no imperativo:

---

*“Age de tal modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida autenticamente humana na Terra.”<sup>55</sup>*

---

Por outro lado, a proposta de ethos mundial de Leonardo Boff está centrada, principalmente, na ética do cuidado, que se expressa formalmente na Carta da Terra, na sua proposta de verdadeira sustentabilidade que pode ser resumida

---

<sup>54</sup> Hans Jonas, “La Science Comme Expérience Vécue”, in *Études Phénoménologiques*, Ousia, 1988, p. 29.

<sup>55</sup> Hans Jonas, *Le Principe Responsabilité*, Cerf, 1997, pp.30-46.

na ação de tirar da Terra somente aquilo que necessitamos para viver com dignidade e nada mais, baseados no ecosocialismo como alternativa ao capitalismo predatório. A proposta de ecosocialismo na visão de Leonardo Boff é uma alternativa ao capitalismo auto-destruidor e incompatível com a ecologia.

Daí o imperativo:

---

*“Viva de tal maneira que não destrua as condições de vida dos que vivem no presente e as dos que vão viver no futuro. Viva no respeito e na solidariedade para com todos os companheiros de vida e de aventura terrena, humanos e não-humanos, e cuida para que todos possam continuar a existir e a viver, já que todo o universo se fez cúmplice para que eles existissem e vivessem e chegassem até o presente.”<sup>56</sup>*

---

Jonas propõe o “princípio responsabilidade” como sendo um princípio ético para a civilização tecnológica, que além de ser considerado um princípio ético proporciona uma perspectiva de diálogo crítico em plena era tecnológica. O “princípio responsabilidade”, defendido pelo autor, rejeita ações temerárias como sendo heroicas ou benéficas para a humanidade, porque elas são suscetíveis de despoletar a irresponsabilidade que não tem em conta os interesses do outro. Hans Jonas evoca ainda o dever que a geração presente tem de legar às gerações vindouras um mundo viável.

---

<sup>56</sup> Citado por Paulo Agostinho Nogueira Baptista, *Libertação e diálogo: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff*, tese de doutoramento, ICHL, UFJF, 2007, p. 220.

Com Hans Jonas a responsabilidade deixou de estar centrada no passado e no presente. A sua responsabilidade é com o futuro da humanidade, com as gerações futuras e com a sobrevivência das mesmas. Jonas não está preocupado com a eternidade, mas com o tempo vindouro, compatível com a era da ciência e da tecnologia, cuja responsabilidade passa a ser o alicerce, o princípio orientador, para as decisões que possam interferir nas diferentes formas de vida:

---

*“... a ética do futuro não designa ética no futuro - uma ética futura concebida hoje para os nossos descendentes futuros, mas uma ética de hoje que se inquieta com o futuro e entende protegê-lo para os nossos descendentes das consequências do nosso agir presente.”<sup>57</sup>*

---

A responsabilidade, no pensamento de Jonas, torna-se uma atitude ética na medida em que há um dever a ser cumprido, não apenas entre os homens, mas com a natureza, cuja preservação deve ser entendida como um direito moral. Desse modo a responsabilidade visa o futuro, e surge então um novo imperativo ético: ‘que o futuro passe a ser preservado no presente, para que seja possível pensar a continuidade da vida no planeta.’

O medo assume um lugar de grande importância na teoria da responsabilidade de Hans Jonas quando propõe a categoria “heurística do medo”, que é a capacidade humana de solucionar problemas imprevistos,

---

<sup>57</sup> Hans Jonas, *Pour Une Ethique du Futur*, Rivages Poche, 1998, p. 69.

servindo como critério seguro para a avaliação dos perigos apresentados pela técnica. O medo torna-se a primeira obrigação de uma ética da responsabilidade. É do medo justificado que deriva a atitude ética fundamental repensada a partir da vontade de evitar o pior. Hans Jonas determinou o “princípio responsabilidade” como sendo uma ética em que o mundo animal, vegetal, mineral, biosfera e estratosfera passam a fazer parte da esfera da responsabilidade. A reflexão sobre a incerteza da vida futura é resultante de um equívoco cometido ao isolar o ser humano do resto da natureza (sendo o homem a própria Natureza).

O conceito de “heurística do medo” - respeito misturado com medo aparece, segundo Jonas, porque o medo obriga a atuar imperativamente, já que pondo o homem alerta prevendo o pior, coloca-o igualmente em guarda obrigando-o a tomar decisões refletidas, a assumir a ação como um risco que no entanto não o leva à inatividade, mas à tomada de decisões responsáveis.

---

*“O medo que faz essencialmente parte da responsabilidade não é o que desaconselha o agir, mas o que convida a agir; este medo que nós visamos é o medo a favor do objeto da responsabilidade.”<sup>58</sup>*

---

A “heurística do medo” está assim ao serviço da ética do futuro, dado que consciencializa o homem dos limites do seu saber incutindo-lhe o sentimento de incerteza em relação ao futuro prescrevendo-lhe, em simultâneo, que a nível

---

<sup>58</sup> Hans Jonas, *Le Principe Responsabilité*, Cerf, 1997, p. 300.

prático é sempre melhor dar prioridade ao mau prognóstico para evitar males maiores. O medo possui aqui um significado elementar, um medo que nos leva instintivamente a preservar a vida e toda a espécie. Há, efetivamente, o temor de que se verifique um processo de destruição em massa com os meios de que dispomos. Nasce então a responsabilidade face às novas tecnociências como a biotecnologia e a nanotecnologia, cuja capacidade de destruição é inimaginável. Temos, portanto, que nos responsabilizar pelo futuro da espécie humana por temor.

Hans Jonas tomou consciência desta realidade durante a Segunda Guerra Mundial onde combateu contra o exército alemão. Ao participar ativamente na guerra teve a percepção de todo o potencial destrutivo utilizado não só nos acontecimentos bélicos convencionais, mas também no Holocausto e no bombardeamento atômico de Hiroxima e Nagasaki. Impressionou-o, sobretudo, a desproporção entre as forças destrutivas tecnologicamente disponíveis e a precariedade da consciência moral dos indivíduos, dos povos e dos governos, que não assumiram a responsabilidade pelos resultados das suas ações. Elaborou então uma ética baseada na necessidade de controlar as capacidades destrutivas da humanidade que, segundo ele, atingiram um poder desmedido no campo tecnológico.

Na ética apresentada por Jonas a relação do ser humano com a natureza deverá pautar-se pelo respeito e pela humildade. A arrogância, altivez e avidez

desmesuradas presentes na visão e na forma como a ciência aborda o meio natural devem ser evitadas. Por fim, o autor reforça a necessidade de se repensar o modo de vida do ser humano no seio de uma sociedade altamente tecnológica e industrializada.

Para Boff é necessária uma nova aliança do ser humano para com a Terra para que se efetive a sua ação. Isso só será possível mediante um relacionamento fraterno, e com um tipo de desenvolvimento sustentável que respeite os diferentes ecossistemas e garanta uma boa qualidade de vida às gerações presentes e futuras.<sup>59</sup>

Naturalmente, a construção desse ethos tem os seus desafios. Vai exigir dos seres humanos compreensão, cooperação recíproca, compromisso e integração de todos. É por isso indispensável uma mudança de mentalidade capaz de romper com as barreiras ideológicas e egoístas. Mas não podemos ter futuro se não pensarmos seriamente na possibilidade real desse ethos mundial, adverte Leonardo Boff. Um ethos que possa ser capaz de questionar a pretensão de uma ciência sem ética, a onipotência da tecnologia sem emoção, a ação destruidora do meio ambiente, a democracia meramente formal. Uma ética que nos faça ver que tantas conquistas da humanidade não evitaram o mau uso da pesquisa científica que, em muitos casos, colocou seriamente em risco a vida do planeta. Uma ética, portanto, que seja a razão da nossa vida e que possibilite a

---

<sup>59</sup> Paulo Agostinho Nogueira Baptista, *Libertação e diálogo: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff*, tese de doutoramento, ICHL, UFJF, 2007, p. 163.

convivência digna entre todos os seres vivos. Este paradigma ou novo modelo de ética que procura o compromisso de toda a humanidade pressupõe uma ação política, isto é, a construção em conjunto do bem comum ou da felicidade de todos.

Leonardo Boff reconhece que o desafio será conseguir que os homens se entendam como uma grande família juntamente com as outras espécies, e que redescubram o seu caminho de retorno à comunidade planetária e cósmica. Para garantir a sustentabilidade do planeta Terra a curto, médio e longo prazo é necessário um tipo de prática cultural não consumista, respeitadora dos ritmos dos ecossistemas, e que garanta uma economia do suficiente para todos e propicie o bem comum não só aos homens, mas também aos outros seres.<sup>60</sup>

Os desafios ambientais, económicos, políticos, sociais e espirituais que enfrentamos hoje estão interligados e juntos podemos encontrar soluções, mas para isso são necessárias mudanças fundamentais nos nossos valores, instituições e modos de vida. Um dos caminhos propostos por Boff poderá estar na troca de experiências espirituais entre o Oriente e o Ocidente, entre os povos originários e as culturas contemporâneas que se encontram e permutam visões. São essas experiências espirituais, concretizadas em diferentes religiões e caminhos, que formam a interioridade humana e rasgam horizontes. Para elas o

---

<sup>60</sup> Leonardo Boff, *Dignitas Terrae – Ecologia: grito da Terra grito dos pobres*, Rio de Janeiro, Ática, 1995, p. 176.

ser humano tem que se religar à Fonte originária do ser, criar um laço misterioso que perpassa todo o universo e reunifica todas as coisas.

Hans Küng e Leonardo Boff são dois teólogos oriundos de contextos distantes e diferentes, mas abraçam o mesmo ideal: o combate por um mundo melhor e mais igualitário, pela libertação e crescimento do ser humano e por uma igreja aberta. Ambos têm explorado novos caminhos para articular a fé cristã milenar com as realidades e problemas do mundo de hoje, e os dois manifestaram sempre uma grande sensibilidade pelos dilemas que afligem a nossa sociedade, particularmente a pobreza, a opressão das minorias, a condição da mulher, o meio ambiente...



## 2. A RELIGIÃO NA BASE DO ETHOS MUNDIAL DE HANS KÜNG

Tal como Leonardo Boff, Hans Küng é teólogo e foi sacerdote e esta realidade enformou a sua forma de ver o mundo. O autor defende convictamente a liberdade religiosa e a concórdia entre as religiões mundiais, tendo por base os valores humanos, no intuito de estabelecer o que denominou de um ethos mundial que, na sua opinião, é um fator essencial para garantir a sobrevivência da humanidade. É através da paz e diálogo entre as religiões, tendo em vista o estabelecimento de critérios ecuménicos de verdade e tolerância a nível planetário, e com a responsabilização dos líderes, crentes e não crentes, relativamente ao futuro do planeta e ao seu próprio presente e futuro, que será possível construir um ethos mundial.

Hans Küng<sup>61</sup> interroga-se sobre o ethos que permitirá aos seres humanos conviver em conjunto vindos das mais diferentes regiões da Terra, cada um com a sua cultura, tradições, religião e valores éticos. Para Küng é urgente

---

<sup>61</sup> **Hans Küng** nasceu na Suíça em 1928, é teólogo, filósofo e professor de teologia. Foi ordenado sacerdote em 1954 e em 1960 nomeado professor de teologia na Universidade de Tübingen, Alemanha. Nesta universidade teve como colega Joseph Ratzinger (futuro Papa Bento XVI). Em 1962 foi escolhido pelo Papa João XXIII para consultor Teológico do Concílio Vaticano II. Ainda na década de 1960, Küng inicia uma reflexão que rejeita o dogma da infalibilidade papal, patente na obra "Infalibilidade? Um inquérito". Depois da publicação da obra, e devido às suas posturas críticas em relação ao Vaticano, a Igreja Católica proíbe-o de oficialmente ensinar teologia. No entanto, permanece como sacerdote e professor em Tübingen até se aposentar em 1996. Küng defende o fim do celibato obrigatório, uma maior participação laica e feminina na Igreja Católica que, segundo a sua interpretação, seria um retorno da teologia baseada na mensagem da Bíblia, e defende ainda uma nova etapa no ecumenismo entre cristãos, assim como no diálogo inter-religioso. Longe de advogar a unificação de todos os credos, defende um caminho racional de tolerância e diálogo empenhado, in [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)

construir uma base comum a partir da qual podemos articular um consenso mínimo que salvguarde e regenere o nosso mundo, mundo que foi crucificado pela devastação ecológica e pela injustiça social internacional. Esse consenso mínimo tem também que garantir um futuro comum Terra-humanidade.

O autor acredita que estamos a viver uma etapa nova da história da humanidade e da própria Terra: a etapa planetária e, como tal, temos um destino e um futuro comum que precisamos garantir, porque com os perigos criados pelo aquecimento global, o futuro está ameaçado.

Hans Küng encontra na religião a base para um ethos mundial. Não se trata apenas de construir um ethos mínimo, mas antes de criar um consenso mínimo acerca de um ethos universalmente válido. Esse consenso deve ser viável e efetivo, e deve ser obrigatório para todas as pessoas nas suas diferentes culturas. Afinal a religião é uma realidade universalmente difundida e pode ser o alicerce para um consenso mínimo entre os humanos.

Defende que,

---

*“não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais. O nosso planeta não irá*

*sobreviver, se não houver um ethos mundial, uma ética para o mundo inteiro”.*<sup>62</sup>

---

Esse ethos é

---

*“o mínimo necessário de valores humanos comuns, normas e atitudes fundamentais, melhor ainda, é o consenso básico com referência a valores vinculantes, normas obrigatórias e atitudes básicas afirmadas por todas as religiões, apesar de suas diferenças dogmáticas e assumidas por todas as pessoas, mesmo não religiosas”*<sup>63</sup>

---

É através da religião que os povos encontram o meio para validar e garantir o caráter universal e incondicional deste consenso mínimo. O foco desta ética universal é a humanitas, a obrigatoriedade de tratar humanamente os humanos, independentemente da sua classe social, religião ou idade. Uma sociedade mundial única necessita de um único ethos básico, caso contrário não se garante o futuro comum.

Para Leonardo Boff será indispensável algo que toque profundamente a sensibilidade humana e a inteligência emocional de todas as pessoas, de modo que elas sejam capazes de se comprometerem e de se envolverem a favor da vida, não só humana, mas de todo o planeta. Somente este pacto ético, denominado ethos mundial, será capaz de despertar em todos os seres

---

<sup>62</sup> Hans Küng, *Projecto para uma Ética Mundial*, 1997, p. 131-132.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 132.

humanos o cuidado, a responsabilidade social, a sensibilidade ecológica, a solidariedade, a paixão pela vida, a ternura e a sensibilidade.

O autor considera que o importante neste momento é recuperarmos atitudes de respeito e veneração para com a Terra. Mas isso só se consegue se antes for resgatada a dimensão do feminino no homem e na mulher. O autor considera que é pelo feminino que o ser humano se abre ao cuidado, se sensibiliza pela profundidade misteriosa da vida e recupera a sua capacidade de maravilhamento. O feminino ajuda a resgatar a dimensão do sagrado. É o sagrado que impõe limites à manipulação do mundo, pois ele dá origem à veneração e ao respeito, fundamentais para a salvaguarda da Terra. Cria ainda a capacidade de re-ligar todas as coisas à sua fonte criadora, que é o Criador e o Ordenador do universo. Desta capacidade re-ligadora nascem todas as religiões, por isso é preciso hoje revitalizar as religiões para que elas cumpram a sua função religadora.

É indispensável um consenso elementar da sociedade. Um consenso ético pressupõe a concordância nos padrões éticos fundamentais que é necessário para a sociedade pluralista de hoje, que apesar de todas as diferenças de orientação política, social ou religiosa, pode servir como a base mais reduzida possível para a convivência humana e o agir comum.

Hans Küng acredita que o núcleo desse ethos global reside nas nossas convicções religiosas e éticas que exigem que o ser humano seja tratado

humanamente, porque qualquer ser humano possui uma inalienável e intocável dignidade. Na base de uma consciência ética mundial existem dois princípios básicos: “O ser humano deve ser tratado humanamente” e “O que queres que te façam, faz tu também aos outros”.<sup>64</sup>

Perante a crise de orientação social que se vive na sociedade atual a proposta é tentar chegar, através de um diálogo recetivo com a ciência política e económica, a uma orientação básica sob a forma de uma visão realista ou de conjunto, que projete os contornos de um mundo mais pacífico, mais justo e mais humano.<sup>65</sup>

O que serve para uma nova ordem mundial é, para Küng, somente uma ética da responsabilidade. Esta pressupõe uma convicção, mas questiona realisticamente as consequências previsíveis, sobretudo as negativas, de uma determinada política, assumindo também a responsabilidade por elas. A política deve ter entre as suas metas interrogar-se pelas condições básicas para a sobrevivência da raça humana numa Terra habitável, e como os seres humanos podem dar uma forma mais humana à sua vida social. O fim e o critério da política têm que ser o homem, o ser humano que precisa humanizar-se mais nas relações entre os povos e com a natureza.

---

<sup>64</sup> Ibidem, pp. 198-199.

<sup>65</sup> Ibidem, p. 18.

Ser verdadeiramente humano, no espírito das grandes tradições éticas e religiosas, significa: em vez de abusar do poder económico e político numa luta sem tréguas pela dominação, o poder deve ser usado ao serviço das pessoas. No lugar de uma insaciável sede por dinheiro, prestígio e consumo, deve ser reencontrado o sentido para a moderação e a modéstia, pois a sofreguidão faz o homem perder a sua 'alma', a sua liberdade, calma, paz interior, e desta forma aquilo que faz dele uma pessoa humana.<sup>66</sup>

Na perspectiva de Leonardo Boff é através da espiritualidade, que é uma atitude humana de respeito e veneração pela grandeza e imponência do universo e de admiração pela complexidade da vida sobre a Terra, que o ser humano conseguirá encontrar sentido para a vida. Atualmente há uma enorme sede de espiritualidade que se sente em todo o mundo, uma espiritualidade que permita uma experiência de religação de todas as coisas e de todas as experiências.

Este regresso da dimensão espiritual à vida humana será talvez uma das transformações culturais mais importantes do nosso século. O ser humano não é somente corpo nem apenas psique. O ser humano é também espírito, aquele momento da consciência no qual ele se sente parte e parcela do Todo, ligado e religado a todas as coisas.

---

<sup>66</sup> Ibidem, p. 398.

Na visão do autor, o século XXI será um século espiritual que valorizará os muitos caminhos espirituais e religiosos da humanidade ou criará novos. Essa espiritualidade ajudará a humanidade a ser mais co-responsável com o seu destino e com o destino da Terra, mais reverente face ao mistério do mundo e mais solidária para com aqueles que sofrem. A espiritualidade dará leveza à vida.

A noosfera<sup>67</sup> será aquela esfera na qual as mentes e os corações entrarão numa nova sintonia, caracterizada pelo amor, pela ajuda mútua entre todos, e pela espiritualização das intenções coletivas.

Verificamos que há uma convergência de ideias entre os três autores: Leonardo Boff, Hans Jonas e Hans Küng, todos defendem a necessidade de uma ética mundial para enfrentar os desafios colocados pela globalização e pelos perigos ambientais que surgem diariamente. Tendo em conta que vivemos numa sociedade muito estratificada, no que diz respeito à distribuição de riqueza e de igualdade de oportunidades, impõe-se a criação de novos valores que tenham como propósito tornar o mundo mais responsável e solidário.

---

<sup>67</sup> A noosfera pode ser vista como a "esfera do pensamento humano". A teoria original é de Vernadsky: a noosfera seria a terceira etapa no desenvolvimento da Terra, depois da geosfera (matéria inanimada) e da biosfera (vida biológica). Assim como o surgimento da vida transformou significativamente a geosfera, o surgimento do conhecimento humano e os consequentes efeitos das ciências aplicadas sobre a natureza alterou igualmente a biosfera. No conceito de noosfera do filósofo francês Teilhard de Chardin, assim como há a atmosfera, existe também uma esfera do pensamento ou espírito humano formada por produtos culturais, pelo espírito, linguagens, teorias e conhecimentos. Seguindo esse pensamento, alimentamos a noosfera quando pensamos e comunicamos. In [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)

Küng afirma que sem uma nova política, sem uma nova diplomacia e sem aquilo que na linguagem religiosa se chama “conversão”, não é possível construir um ethos mundial. Por esse motivo, Küng e Boff estão convencidos do papel significativo das religiões na elaboração e prática de um ethos mundial. Segundo Küng, para que se possa chegar a um consenso mínimo em torno de valores fundamentais é indispensável recorrer a um Absoluto, a algo que se imponha sobre todos e exija o cumprimento de determinados deveres incondicionais. O dever ético, segundo a concepção de Hans Küng, para que seja fielmente observado teria que ter um referencial fora do ser humano. Algo a que ele chama de Absoluto. Assim sendo, a origem da Ética não estaria no ser humano, mas neste Absoluto que a maioria das religiões chama de Deus.

Por outro lado, Hans Jonas considera fundamental a emergência de uma ética que garanta a existência humana e de todas as formas de vida existentes na biosfera. Para isso propõe o “princípio responsabilidade” como sendo um princípio ético que responde aos inúmeros desafios trazidos pela civilização tecnológica. Jonas determinou o “princípio responsabilidade” como sendo uma ética em que o mundo animal, vegetal, mineral, a biosfera e a estratosfera passam a fazer parte da esfera da responsabilidade. Este princípio implica ser também um imperativo da existência, pois essa seria a primeira condição ética e responsável com e para o mundo de amanhã. Poder respeitar, cuidar, lutar,



renunciar e acima de tudo agir com responsabilidade é um ato essencialmente ético.

O autor recorre então àquilo que denomina “heurística do medo”, categoria definida por Jonas como sendo a capacidade humana de solucionar problemas imprevistos, servindo esta como critério seguro para a avaliação dos perigos apresentados pela técnica. O medo torna-se a primeira obrigação de uma ética da responsabilidade. É do medo justificado que deriva a atitude ética fundamental repensada a partir da vontade de evitar o pior. Hans Jonas entende que o medo é primordial para uma ética da responsabilidade, pois é através dele que o ser humano poderá agir e refletir sobre o destino da humanidade. O medo seria uma forma de travar a compulsão de considerar o conhecimento científico ilimitado.

Leonardo Boff também defende a necessidade da responsabilidade nos pressupostos éticos, pois por ela nos damos conta das consequências dos nossos atos, quer benignos quer funestos. Reforça ainda que o importante é cuidar para que, com consciência e plena atenção, as nossas práticas não sacrifiquem o sistema da vida e agravem o estado da Terra e da humanidade.

Leonardo Boff vai mais longe na apresentação deste desígnio - apresenta o paradigma do cuidado como solução para um mundo melhor. Para o autor há algo nos seres humanos que surgiu há milhões de anos no processo evolutivo: o sentimento, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se, de afetar e de sentir-

se afetado. Dar centralidade ao cuidado significa renunciar à vontade de poder, recusar-se a qualquer forma de dominação, abandonar a ditadura da racionalidade fria e abstrata para dar lugar ao cuidado, pois só ele nos permite resistir ao cinismo e à apatia que são as doenças psicológicas do nosso tempo.<sup>68</sup>

Boff apresenta a sua proposta de construção de um ethos planetário fundada num tipo de racionalidade cordial e sensível. Afinal, a evolução do pensamento filosófico e o próprio processo histórico mostram que a razão não explica tudo nem abarca tudo. Antes dela vigora algo de mais profundo e originário: a afetividade e o cuidado essencial. Acima encontra-se a inteligência, que é a descoberta do transcendente, do eu conectado com tudo e com o Mistério que subjaz ao universo.<sup>69</sup>

O autor considera que hoje há uma vasta convergência na admissão de que a inteligência se encontra impregnada de sensibilidade, de emoções e afetos, pois são estas características que dão conta da vida quotidiana e da sociabilidade humana. A razão cordial é aquela que existe no coração, onde residem os valores, o mundo das excelências, dos afetos e dos grandes sonhos que orientam a vida.

A experiência-base da vida humana é, portanto, o sentimento, o afeto e o cuidado. É a capacidade de sentir, de ser afetado e de afetar. A existência tem

---

<sup>68</sup> Leonardo Boff, *Saber Cuidar, Ética do humano, compaixão pela terra*, Petrópolis, Vozes, 1999.

<sup>69</sup> Leonardo Boff, *Ethos Mundial, Um consenso mínimo entre os humanos*, Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

sentido pelo cuidado e pela responsabilidade no mundo com os outros, pela alegria ou pela tristeza, pela esperança ou pela angústia. Fundamentalmente é um estar com e não sobre as coisas, defende Boff.

As estruturas primordiais da existência circulam em torno da afetividade, do cuidado, da paixão, da com-paixão, do desejo, da ternura, da simpatia e do amor. Esse sentimento básico é uma qualidade existencial, um modo de ser essencial. O sentimento também é uma forma de conhecimento, mas de natureza diversa, engloba dentro de si a razão transbordando-a por todos os lados. A inteligência vem então saturada de emoções, e é nas emoções que se elabora o universo das significações e dos sentidos existenciais. É por isso essencial, segundo Boff, resgatar o coração, sede dos sentimentos profundos e dos valores, e a razão cordial que o articula com as outras formas de exercício da razão.

O cuidado, portanto, funda um novo ethos: a forma como organizamos a nossa casa, o mundo que habitamos com os outros seres humanos e com a natureza. O ser humano é fundamentalmente um ser de cuidado e sensibilidade, mais que um ser de razão e de vontade. Cuidado é uma relação amorosa para com a realidade, com o objetivo de garantir-lhe a subsistência e criar-lhe espaço para o seu desenvolvimento.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> Leonardo Boff, *Saber cuidar, Ética do humano, compaixão pela Terra*, Vozes: Petrópolis, 1999.

O cuidado previne os danos futuros e regenera os danos passados, advoga Leonardo Boff. Correspondente ao cuidado, em termos do discurso ecológico, temos a sustentabilidade que visa encontrar o justo equilíbrio entre a utilização racional das virtualidades da Terra e a sua preservação para nós e para as gerações futuras.

Em tudo os seres humanos colocam e devem colocar cuidado: com a vida, com o corpo, com o espírito, com a natureza, com a saúde, com a pessoa amada, com quem sofre e com a casa. Sem cuidado a vida perece, por isso a ética do cuidado é seguramente a mais imperativa nos dias atuais, acredita o autor, dado o nível de descuido e desleixo que paira como uma ameaça sobre a biosfera e o destino humano. Se não alimentarmos o cuidado a ação torna-se irresponsável.

Duas virtudes acompanham a ética do cuidado: a autolimitação e a justa medida. A autolimitação é definida por Boff como sendo a renúncia necessária que fazemos dos nossos desejos e da avidez produtivista e consumista, para salvaguardar a integridade e a sustentabilidade do nosso planeta. A autolimitação tutela os interesses privados para que estes não se sobreponham aos coletivos, que formam o bem comum. A autolimitação inspira, assim, uma cultura da simplicidade voluntária e um consumo responsável e solidário.

A justa medida é o apanágio de todas as grandes tradições éticas e espirituais do Ocidente e do Oriente, ela está na base de todas as virtudes. A justa medida

é o ótimo relativo, o equilíbrio entre o mais e o menos, precisamente o oposto da nossa cultura que é em tudo excessiva e peca pela autoestima desmesurada e pela arrogância.

Podemos perguntar, qual a justa medida da nossa intervenção na natureza para satisfazer as nossas necessidades e, ao mesmo tempo, conservar o capital natural de modo que ele possa regenerar-se e ser passado de forma enriquecida às gerações futuras? Boff acredita que o futuro da vida e da humanidade depende da nossa autolimitação, da nossa justa medida e do cuidado que nutrirmos permanentemente para com a vida. Vida que é o dom mais precioso que a natureza nos legou e que Deus fez suscitar no longo processo de evolução.

Para Leonardo Boff levantar este tipo de questões é próprio de um ser portador de espírito. O ser humano como um ser falante e interrogante é um ser espiritual. Enfim, é um ser da ética do cuidado.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> Ibidem.

## CONCLUSÃO

Em jeito de conclusão recordemos o nosso ponto de partida. Avançámos, então, a ideia que sustentava que os processos de mudança em curso no mundo contemporâneo, confluindo no que se tem designado por globalização, se caracterizam pela velocidade, radicalismo e volatilidade das transformações sociais ocorridas no planeta nas últimas décadas. Constatámos que vivemos uma época de incertezas, e que não há consenso face aos problemas fundamentais do mundo contemporâneo.

As diversas correntes que se debruçam sobre o fenómeno globalização reconhecem-lhe algumas características distintivas: o seu carácter multidimensional, a desterritorialização do dinheiro, das pessoas, de imagens, de ideias... Reconhecemos que a globalização é um ponto de confluência de processos vários, contraditórios alguns, convergentes outros, todos eles contribuindo para a complexidade da configuração social do mundo contemporâneo.

A questão decisiva dos atuais processos de globalização reside na desigualdade crescente entre países ricos e países pobres, entre populações abastadas e populações miseráveis, pois a sociedade organizou-se segundo os interesses da economia de mercado. Esta disparidade é acompanhada pela

injustiça que se faz em relação à natureza. A história tem-nos ensinado que a procura do lucro leva o ser humano a explorar de forma exaustiva os bens da natureza, devastando ecossistemas inteiros, contaminando os solos, as águas, o ar e os alimentos. Só agora começamos a perceber que um projeto desta natureza, de acumulação ilimitada, não consegue ser suportado pelo nosso planeta, porque foram atingidos os limites físico-químicos-ecológicos do planeta Terra.

A crise que todos estamos a viver atualmente tem, na sua origem, profundas transformações ocorridas nos últimos anos na economia, quando esta se deslocou para o limite do caos, provocando uma onda de inovações que tem ocasionado consideráveis ganhos de produtividade e em consequência, a prosperidade da economia dos países ricos, mas também um alto grau de instabilidade. A inovação e a instabilidade são propriedades de sistemas que funcionam no limite do caos e para sobreviver na fronteira do caos onde vivem hoje, as empresas precisam de ser capazes de se adaptar, de inovar, de se auto-organizar. A forma como estas corporações multilaterais se organiza leva à competição feroz que não olha a meios para atingir os seus fins. Os seus benefícios são alcançados à custa da devastação da natureza e do agravamento das desigualdades sociais.

As exigências da racionalidade capitalista, expressas na incessante busca de produtividade, competitividade e lucro, e materializadas num sistema

produtivo e tecnocientífico orientado para tais fins, condicionam comportamentos imediatistas, individualistas e devastadores por parte dos grandes grupos empresariais e pela própria ação governamental, que se refletem negativamente sobre o ambiente natural. A crise ambiental é, como tal, produto de um modelo de organização geral da sociedade que comporta decisões políticas e económicas que condicionam toda a vida individual e social.

Este modelo de organização político-social e de desenvolvimento económico estabelece prioridades e define o que a sociedade deve produzir, como deve produzir, e como será distribuído o produto social. Isto implica o estabelecimento de um determinado padrão tecnológico e de uso dos recursos naturais, associados a uma forma específica de organização do trabalho e de apropriação das riquezas socialmente produzidas. Compreende, portanto, interesses divergentes entre os vários grupos sociais, sabendo-se que os que estão numa posição de hegemonia decidem o rumo social e impõem-no ao resto da sociedade. Daí se poder concluir que os impactos ecológicos e os desequilíbrios sobre os ciclos biogeoquímicos sejam provocados por decisões políticas e económicas previamente tomadas.

Sabemos que a degradação ou a regeneração da natureza está ligada à forma como o homem se comporta e relaciona com os outros, com a cultura que molda a convivência humana, com os projetos políticos e interesses económicos que



determinam o seu uso. Uma cultura individualista e consumista, insaciável na depredação de recursos, fomentadora do desperdício, desrespeitadora dos direitos dos fracos e mais pobres produziu a desflorestação, a desertificação, a depredação dos recursos hídricos, a poluição ambiental, as grandes catástrofes ambientais e com elas a pobreza e as desigualdades que dividem o mundo.

Como o nosso modelo de civilização, as nossas instituições políticas, o que designamos como sistema internacional, a nossa tecnologia e os nossos saberes estão hoje envolvidos numa crise complexa que pode ser considerada como crise global, a que se junta a desagregação da sociedade e dos costumes, torna-se fundamental e urgente a criação de um novo paradigma capaz de transformar a eventual tragédia ecológico-social numa crise de passagem.

Na visão de Leonardo Boff, enquanto a humanidade continuar a crescer contra a Terra, enquanto a prosperidade das gerações futuras for conseguida à custa da degradação ecológica com o inevitável empobrecimento das possibilidades de escolha dessas gerações, enquanto o fosso entre pobres e ricos continuar a aumentar, não haverá uma paz duradoura e sustentável sobre o planeta.

Serão certamente estas hipóteses que estarão em discussão nos debates da Conferência do Clima 2015, que decorrerá no mês de novembro em Paris. Espera-se que aí seja definido um novo acordo climático global pós-2020, centrado na redução de emissões para limitar o aumento médio da temperatura

em dois graus, e onde serão debatidas as alterações climáticas e o fracasso do protocolo de Quioto.

O objetivo deste tipo de conferências é tomar decisões e estabelecer acordos globais e vinculativos para controlar e lidar com a degradação progressiva do ambiente, que ameaça as condições da vida e um futuro sustentável da Terra. Como é expectável, na discussão variam os indicadores, as suas interpretações e análise científica, confrontam-se posições ideológicas, interesses políticos e económicos no domínio da ecologia, divergem as estimativas das consequências previsíveis das alterações do clima. É, portanto, difícil o acordo sobre as metas a atingir, as medidas a implementar, o respetivo preço, a repartição de custos e responsabilidades, os critérios de diferenciação contributiva e compensatória entre países e regiões. Como em qualquer negociação as partes tendem a defender interesses, vantagens e posições adquiridas ou a conquistar, evitando cedências que os ponham em causa, pois ninguém aceita perder.

O desafio neste momento é tratar os problemas ecológicos como problemas políticos, conceber o ambiente como um património público comum e a sua defesa como um direito político que amplia a compreensão e a prática da cidadania. A realidade tem demonstrado que são as próprias iniciativas, quer do Estado quer dos privados, os principais agentes responsáveis pela devastação sócio ambiental. Estes problemas são causa e fator de insegurança, sobretudo porque têm alcance global e, como tal, constituem imperativos para

uma cooperação compulsiva entre os Estados mundiais. Todos os países e povos do planeta sofrerão as consequências do adiamento das decisões que poderão corrigir ou agravar os fatores críticos, pois a complexidade, delicadeza e interação dos fatores envolvidos não permite que estes problemas sejam resolvidos num quadro de concorrência e confrontação aberta. Os problemas ambientais convidam os Estados a uma conduta cooperante, uma vez que é a própria sobrevivência humana que está em jogo.

Esta temática é tão atual e urgente que, num posicionamento muito ativo e até hoje inédito ao seu estatuto, o atual Papa Francisco decidiu partilhar a sua visão dos acontecimentos, publicando-a na primeira encíclica da igreja sobre o ambiente. Nesta encíclica “Laudato si, sobre o cuidado da Terra” o Papa tece duras críticas ao capitalismo selvagem e às empresas multinacionais, apelidadas de predadoras do planeta que enriquecem à custa do aumento do fosso entre ricos e pobres. A encíclica aborda também as injustiças na distribuição de recursos, a fome, o desperdício de alimentos, a exploração de recursos naturais em continentes como África, o aquecimento global, a desflorestação ou a poluição. O Papa tem defendido que a crise não é só económica, mas sobretudo ética, pois a vida humana deixou de ser o centro das sociedades, dando lugar ao dinheiro. E essa crise estende-se também à relação com a natureza. Apela, por isso, aos chefes de Estado e de governo dos países participantes da XXI

conferência internacional sobre a mudança do clima, para que consigam compromissos concretos por uma "autêntica ecologia humana".

Leonardo Boff terá contribuído para a inspiração da encíclica papal, ele que tem defendido a necessidade de uma nova visão do mundo, tendo em conta a complexidade do universo. Para o autor tudo tem a ver com tudo, e a complexidade procura respeitar essa totalidade orgânica feita de relações em rede e de processos de integração. A natureza e o universo constituem uma teia de relações em constante interação, tudo é compreendido como um grande organismo vivo.

O paradigma civilizacional proposto por Leonardo Boff propõe a sustentabilidade ecológica e económica, baseada numa nova aliança de fraternidade para com a natureza e entre os seres humanos; a diversidade biológica e cultural fundada na preservação e no respeito a todas as diferenças e no desenvolvimento de todas as culturas; o incentivo à participação nas relações sociais e nas formas de governo, inspiradas na democracia entendida como valor universal a ser vivido em todas as instâncias e com todo o povo; o culto da espiritualidade como expressão da profundidade humana que se sente parte do todo, capaz de valores, de solidariedade, de compaixão e de diálogo com a Fonte originária de todos os seres.

Para o autor temos que ultrapassar os limites das formas atuais de pensar, devemos ir ao encontro do outro e lutar contra a opressão, a exploração e a

exclusão da globalização, simplesmente porque se ama o outro e a vida. É aceitar e estimular a expressão do conhecimento que brota de todas essas dimensões.

Tendo em conta que as teorias do conhecimento se constroem conforme as visões de mundo e as concepções antropológicas que as sustentam, a visão antropocêntrica do mundo que tem vigorado na cultura ocidental conferiu a esta características que se materializaram, organizaram e institucionalizaram na economia e sociedade capitalista, favorecendo as relações de competição, de concorrência e de guerra. Estas formas de relação têm na sua origem a concepção de que o homem é um ser individual, solitário e autossuficiente, que tem como objetivos de vida: ter, possuir e dominar. O processo pelo qual passa o atual estágio da civilização exige, portanto, um redireccionamento no sentido de uma dimensão espiritual e ética que confira um novo sentido ao homem, sob pena de destruímos o nosso planeta Terra. São valores para a construção de uma sociedade mais humana no contexto de uma realidade globalizada, caracterizada pelo pragmatismo e pela competição.

Se através da razão lógica e matemática o ser humano constrói a ciência, permitindo o surgimento da técnica, é com ela que o homem operacionaliza a sua ação no mundo. Mas os instrumentos metodológicos das ciências, isoladamente, não conseguem abranger a complexa realidade dos fenómenos da vida que ultrapassam a racionalidade lógica, matemática, dialética. Porque o

ato de conhecer faz-se através da totalidade do nosso ser, do nosso corpo, da nossa percepção sensível, da emoção, do sentimento, da ação concreta e da razão. No mundo humano o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que por sua vez são a mola da pesquisa filosófica ou científica.

Nos nossos dias torna-se imprescindível uma nova ética, pois a ética está atenta às mudanças históricas, às mentalidades e às sensibilidades permutáveis, aos novos desafios que advêm das transformações sociais. A ética acolhe transformações e mudanças que atendam às exigências de uma sociedade mais feliz. Sem essa abertura às mudanças a moral torna-se obsoleta e transforma-se em moralismo. O que a ética faz é desinstalar a moral, impedindo que ela se feche sobre si mesma, obrigando-a a uma constante renovação. A nós ela confere a ousadia de assumir novas posturas, de projetar novos valores.

No contexto da globalização o debate sobre a ética ressurgiu, só que agora em termos planetários. Discutir em termos de ética mundial significa colocar a questão da ação num âmbito planetário. Trata-se de referentes simbólicos planetários em torno dos quais é possível equacionar a questão de uma conduta universal. O mundo, o planeta, torna-se assim o palco tanto da ação coletiva como da conduta individual. A ética e a moral, preocupações antigas, são agora equacionadas em termos mundializados.

Para que isso seja possível é imprescindível uma profunda transformação na forma de pensar, uma verdadeira revolução das estruturas do pensamento, dos valores, porque na sociedade globalizada em que vivemos predominam valores individualistas, visíveis na apatia, indiferença, sedução e no hedonismo reinante. Os valores predominantes valorizam o atual, o presente, o fútil, o frívolo, o culto do desenvolvimento pessoal e do bem-estar material. Este novo estágio do individualismo considerado narcisismo marca um período de rutura com tudo o que se opõe à liberdade e à autonomia dos indivíduos, o que permite a emergência e manifestação dos desejos subjetivos e a sua realização individual.

É neste tipo de sociedade que a ética da mundialidade, proposta por Leonardo Boff, encontra previsíveis limites à sua aplicabilidade, devido à predominância dos tais valores individualistas e narcisistas. O que caracteriza a sociedade narcisista é viver do presente e já não em função do passado e do futuro. Perdeu-se o sentido da continuidade histórica, dos valores e instituições. As pessoas já não se prendem a instituições; pelo contrário, desacreditam nelas e nos seus valores, como a família e a religião que são relegadas para segundo plano. Instaurou-se o narcisismo coletivo, sintoma da crise generalizada do nosso mundo. A coesão social contemporânea está em risco, devido ao hiperindividualismo das pessoas e à instabilidade das normas de socialização.

Na concepção de Leonardo Boff o futuro da nossa sociedade e do nosso planeta depende dos esforços e capacidade de fazer triunfar a ética do cuidado. O maior desafio da sociedade hipermoderna é fornecer instrumentos para que as pessoas tenham algum futuro e construam utopias, porque

---

*“... a utopia não deve ser entendida como sinónimo de ilusão e fuga da realidade presente; como os estudos recentes da filosofia e da teologia o têm revelado a utopia nasce do princípio-esperança, responsável pelos modelos de aperfeiçoamento de nossa realidade que não deixam o processo social se estagnar ou se absolutizar ideologicamente mas o mantêm em permanente abertura para uma transformação cada vez mais crescente”.<sup>72</sup>*

---

---

<sup>72</sup> Leonardo Boff, *Jesus Cristo libertador*, Editora Vozes, 1972, p. 58.



## BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA, Juan José Tamayo, *Leonardo Boff – Ecología, mística y liberación*, Editorial Desclée de Brouwer, 1999.
- ADITAL, “Leonardo Boff recebe Nobel Alternativo” in <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=1922>, acessado em 22-08-2015.
- ALVES, Guilherme, “A Ética da Responsabilidade de Hans Jonas e ética do cuidado” in [http://www.academia.edu/7173037/A Ética da Responsabilidade de Hans Jonas e etica do cuidado](http://www.academia.edu/7173037/A_Etica_da_Responsabilidade_de_Hans_Jonas_e_etica_do_cuidado), acessado em 02-03-2015.
- BAUMAN, Zygmunt, *Globalização – as consequências humanas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- BETTO, Frei: “Leonardo Boff, místico da terra”, in [http://amaivos.uol.com.br/amaivos2015/?pg=noticias&cod\\_canal=53&cod\\_noticia=11385](http://amaivos.uol.com.br/amaivos2015/?pg=noticias&cod_canal=53&cod_noticia=11385), acessado em 15-01-2015.
- BOFF, Leonardo e SANTOS, Boaventura de Sousa, “Conversas do Mundo”, in <https://www.youtube.com/watch?v=qzvJgFN0bpU>, acessado em 03-01-2015.

- BOFF, Leonardo, "As idades da globalização", *Utopía y praxis latinoamericana: revista internacional de filosofia*, 2002, in <http://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=9559>, acessido em 07-07-2014.
- BOFF, Leonardo, "A busca de um ethos planetário", in <http://servicioskoinonia.org/relat/403.htm>, acessido em 11-12-2014.
- BOFF, Leonardo, "A idade tiranossáurica da globalização", in <http://www.leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/globtiranos.htm>, acessido em 28-12-2014.
- BOFF, Leonardo, "As 4 ecologias", in <https://www.youtube.com/watch?v=0b6QG7P50ww>, acessido em 26-01-2015.
- BOFF, Leonardo, "A vida aos 70 anos: um sonho matinal", in <http://www.gentedeopinioao.com.br/lerConteudo.php?news=40113>, acessido em 05-04-2016.
- BOFF, Leonardo, *Dignitas Terrae - ecologia: grito da Terra grito dos pobres*, Rio de Janeiro, Sextante, 2004.
- BOFF, Leonardo, *Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*, São Paulo, Ática, 1993.
- BOFF, Leonardo, Entrevista in [www.leonardoboff.com](http://www.leonardoboff.com), acessido em 06-04-2016.

- BOFF, Leonardo, *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos*, Rio de Janeiro, Sextante, 2003.
  
- BOFF, Leonardo, *Ética planetaria desde el Gran Sur*, Editorial Trotta, 2001.
  
- BOFF, Leonardo, *Jesus Cristo libertador*, Editora Vozes, 1972.
  
- BOFF, Leonardo, *O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*, Editora Vozes, 2005.
  
- BOFF, Leonardo, *Saber Cuidar, Ética do humano, compaixão pela terra*, Editora Vozes, 1999.
  
- BOFF, Leonardo, “Século XXI, Século da Espiritualidade?” in [www.oocities.org/ideiasreligiosas/rel\\_boff2.html](http://www.oocities.org/ideiasreligiosas/rel_boff2.html), acessado em 17-05-2016.
  
- BOFF, Leonardo, *Sustentabilidade: o que é e o que não é*, Editora Vozes, Petrópolis, 2012.
  
- BOFF, Leonardo, *Virtudes para um outro mundo possível, volume II: convivência, respeito e tolerância*, Editora Vozes; 2006.
  
- BOFF, Leonardo, “Sangue Latino 2010”, vídeo realizado por Canal Brasil in <https://vimeo.com/18918061>, acessado em 06-04-2016.
  
- BOFF, Leonardo, no programa televisivo Roda Viva de 18/03/2013, in <https://www.youtube.com/watch?v=aE8219V33OY>, acessado em 24-10-2015.

- BONAGLIA, Federico e GOLDSTEIN, Andrea, *Globalização e desenvolvimento*, Editorial Presença, 2006.
  
- CREMONESE, Dejalma “A Terceira Via: alternativa ou continuismo?” in <http://br.monografias.com/trabalhos915/terceira-via-alternativa/terceira-via-alternativa.shtml>, acessido em 09-07-2016.
  
- DIAS, Reinaldo, *Relações Internacionais: Introdução ao estudo da sociedade internacional global*, São Paulo, Editora Atlas S.A., 2010.
  
- ESTULIN, Daniel, *Clube Bilderberg: os senhores do mundo*, Círculo de Leitores, 2005.
  
- FUTURIBLES, “L’enfermement planétaire”, in <http://www.futuribles.com/en/viewer/pdf/2247>, acessido em 03-02-2016.
  
- GIDDENS, Anthony, *O mundo na era da globalização*, Editorial Presença, 2000.
  
- GIDDENS, Anthony, “Sociologia”, in <https://pt.scribd.com/doc/102714723/GIDDENS-Anthony-Sociologia>, acessido em 11-07-2016.
  
- JONAS, Hans, *Le Principe Responsabilité – une éthique pour la civilisation technologique*, Éditions du Cerf, 1997.
  
- KÜNG, Hans, *Projecto para uma Ética Mundial*, Instituto Piaget, 1997.

- SANTOS [org.], Boaventura de Sousa, *Globalização – fatalidade ou utopia?*  
Edições Afrontamento, 2001.
  
- SANTOS, Boaventura de Sousa, “A crítica da governação neoliberal: o Fórum Social Mundial como política e legalidade cosmopolita subalterna”, in *Revista crítica de Ciências Sociais*, 72, outubro 2005.
  
- SOROMENHO-MARQUES, Viriato, “Política Internacional de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Balanço e Perspetivas”, *Metamorfoses. Entre o Colapso e o Desenvolvimento Sustentável*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2005, pp. 37-62, in  
[www.viriatosoromenho-marques.com/guia\\_textos.html](http://www.viriatosoromenho-marques.com/guia_textos.html), acedido em 08-04-2016.
  
- WARNIER, Jean-Pierre, *A mundialização da cultura*, Editorial Notícias, Lisboa, 2002.